

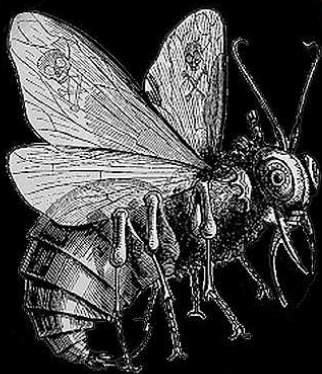
Sitra Ahra

A voz do "obsi otuo" do muro

Edição #1 Anno Mythi 11/11



Escuridão Essencial



SERIA BELZEBU
UMA MOSQUINHA
DANADA?



O "SOM DO CAPETA"
PARA A EXPANSÃO
DA CONSCIÊNCIA

Uma
Conversa
Luciferiana



E MAIS COISAS DO OUTRO LADO: O CAMINHO DA MÃO ESQUERDA - TANTRA - MITOLOGIA...

Sitra Ahra

EXPEDIENTE

Edição, revisão, diagramação e arte
Adriano Camargo Monteiro

Colaboradores nesta edição

Amyr Cantusio Jr
Aristerá
Carlos Raposo
Felipe Galvão
Marcelo Del Debbio
Rafael Bittencourt

Colaboradores do exterior

Leilah Wendell
Nema
Shani Oates
Thomas Karlsson
Zeena Schreck

Colaboradores do "outro lado"

Charles Baudelaire
Fernando Pessoa
William Blake

Distribuição

A mídia caótica chamada internet.

Todas as matérias são
de responsabilidade de
seus respectivos autores.

Sitra Ahra agradece sinceramente
a todos os colaboradores.

Se é permitida a distribuição gratuita?



Contatos imediatos de quarto grau
com o "outro lado":

facebook.com/revistasitraahra

twitter.com/zinesitraahra

geocities.ws/sitraahra



Gustave Doré

Saudações do lado de cá!

Expelida do "outro lado" para o mundo comum e corrente, a primeira edição de *Sitra Ahra*, publicação eletrônica de filosofia oculta, filosofia draconiana e LHP, buscando mostrar o "outro lado" das coisas.

"Sitra Ahra" significa "outro lado", em hebraico. Na filosofia oculta e draconiana, esse "outro lado" é considerado como o universo primordial, um universo caótico pré-cósmico que antecede a existência de todas as coisas. Complicando, *Sitra Ahra* é um "mundo" aparentemente muito "distante" e "contrário" ao mundo comum, ao universo que é supostamente conhecido. *Sitra Ahra* é o Útero de onde provém toda a vasta multiplicidade do universo manifestado e, também, não manifestado, sendo, portanto, a manifestação dos poderes femininos primordiais e a representação da noite, do mistério, do oculto, do secreto. Em nível meramente humano, *Sitra Ahra* é o outro lado da consciência, ou seja, o reino do subconsciente no qual a sabedoria secreta (Sophia, Shakti, Shekinah etc), que jaz oculta na Escuridão, é conquistada pelo indivíduo que atingiu o êxtase da Iluminação (Lux-fero, o Portador da Luz).

Nesta edição, há um total de 11 matérias, além das seções. Entre os colaboradores, estão brasileiros e estrangeiros, escritores, artistas, poetas, músicos, acadêmicos, filósofos e ocultistas. Entre todos esses há, obviamente, algumas diferenças no pensar e no sentir, mas também há concordâncias. Porém todos convergem para a tônica da revista, a saber: o "outro lado" das coisas, o lado oculto, o que ninguém talvez queira falar.

Vale dizer que cada colaboração foi de grande importância para este trabalho.

Portanto, caro leitor, absorva, como um buraco negro, o conhecimento do "outro lado" que apresentamos nesta edição.

Sitra Ahra

SEÇÕES

UMA VISÃO
DO OUTRO LADO
04

ENTRE "ÁSPERAS"
24

MALDITAS ALMAS
37

COISAS DE DANADOS
54

OUTRA VISÃO
DO OUTRO LADO
65



O QUE HÁ DO OUTRO LADO



05

SAÍDA À ESQUERDA, POR GENTILEZA

O Caminho da Mão Esquerda

Zeena Schreck



12

O "SOM DO CAPETA" PARA A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Música, Fibonacci e o Diabo

Adriano Camargo Monteiro

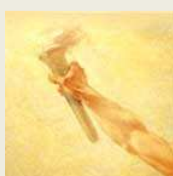


18

SERIA BELZEBU UMA MOSQUINHA DANADA?

Belzebu, um "demônio" de virtudes divinas

Aristerá



25

BRIGAS INÚTEIS LONGE DAQUI

Religião e ciência, romantismo e iluminismo

Thomas Karlsson



31

FEMINISTAS AINDA "MACHISTAS"?

As mulheres sacerdotisas e a escravidão

Amyr Cantusio Jr



34

A DOIS É MELHOR

Tantra, alquimia e amor verdadeiro

Por Nema



39

VOCÊ ESTÁ SOB A ROSA. NÃO CONTE A NINGUÉM

Rosa Mundi

Shani Oates

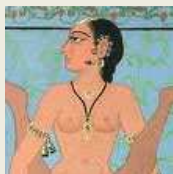


43

ULISSES E SINBAD NÃO SABIAM DESSA...

Um pouco sobre os ciclopes

Carlos Raposo



45

SEXO SAGRADO, SIM. SURUBA, NÃO

Hieros Gamos e magia sexual

Marcelo Del Debbio



57

VOCÊ TEM MEDO DO ESCURO?

Escuridão essencial

Leilah Wendell

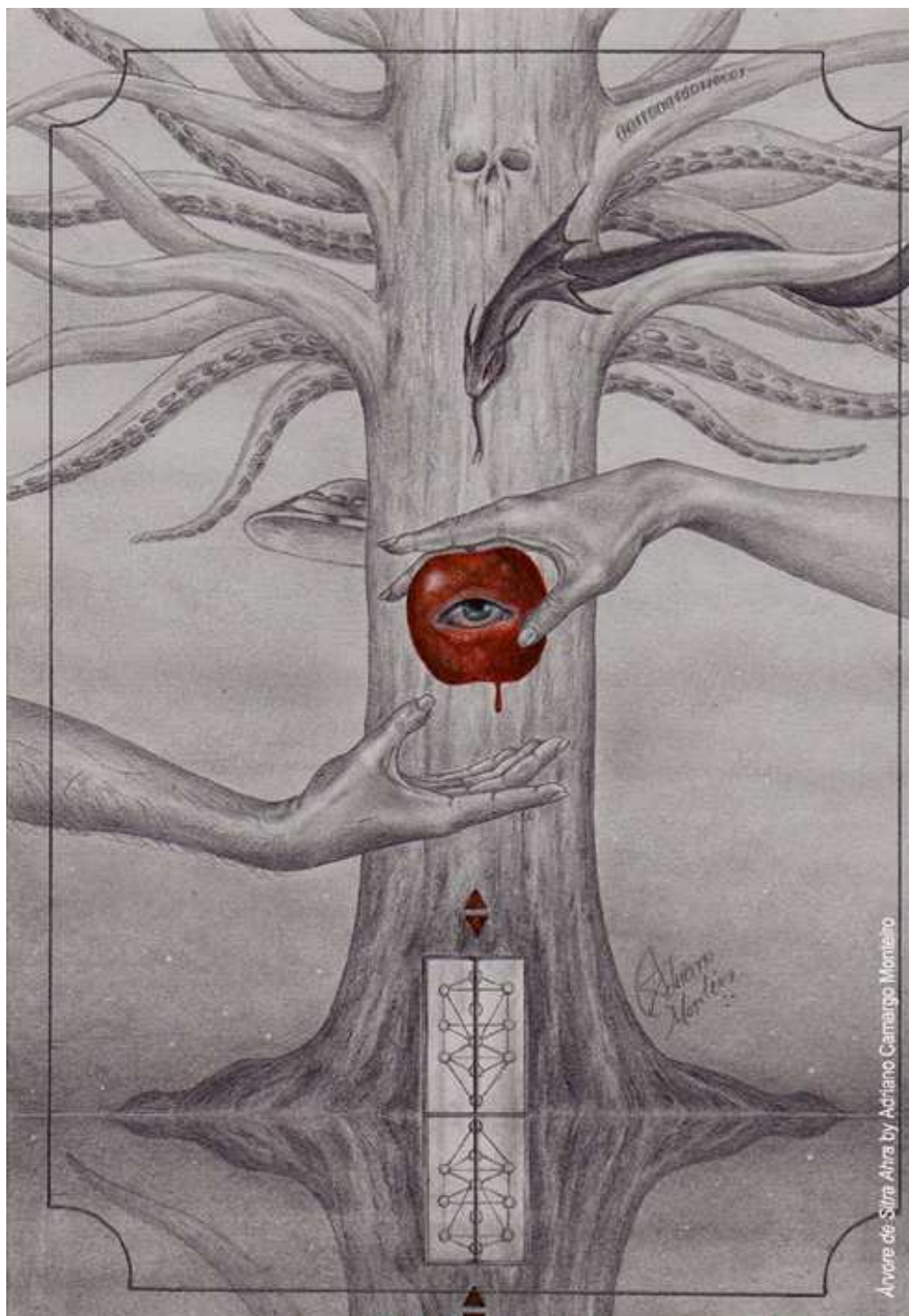


60

CANÇÃO DE NINAR PARA LÚCIFER DEPOIS DE...

Uma conversa luciferiana

Rafael Bittencourt



Árvore de Sitra Ahra. Adriano Camargo Monteiro.
geocities.ws/imaginariusarte

SAÍDA À ESQUERDA, POR GENTILEZA

O Caminho da Mão Esquerda

Veículo de iluminação em uma era de escuridão

Zeena Schreck

Tradução: Adriano Camargo Monteiro; Aristerá

Estudar a história breve e brutal da raça humana revela que temos sido sempre uma espécie confusa, compulsivamente violenta e autodestrutiva. Não é preciso ser um historiador para observar que o atual estado da humanidade no alvorecer do século XXI teve uma queda espiritual sem precedentes. Os noticiários oferecem uma cornucópia de catástrofes incessantes que provam isso. Diante do desfile interminável de tolices humanas, é difícil não acreditar que a humanidade, cega pelo antropocêntrico e egoístico culto da chamada racionalidade, adotada por séculos, jamais esteve tão enredada em um materialismo vazio, à deriva sem leme ou bússola para guiar seu caminho.



Hand. Zeena.

Estranho ao ponto de dissociação esquizoide dos ciclos da natureza, da qual a humanidade é apenas uma pequena parte, é de se admirar que muitos sofressem graus elevados de depressão jamais registrados antes? Existimos em um ambiente social através do qual os ventos frios da agourenta calamidade sopram mais furiosamente.

Só o mais iludido otimista poderia imaginar que o atual redemoinho de colapso social, econômico, o abuso de poderes militares em nome da “democracia” e da “liberdade” e o contínuo suicídio ecológico estejam levando a um fim benéfico. Confrontada com tal clima psíquico tóxico, não é surpresa que a reação da humanidade à sua autoimplosão seja enterrar a cabeça na areia. Populações sempre crescentes no mundo ocidental industrializado, e mesmo em muitos países subdesenvolvidos se esforçando para “se desenvolverem”, agora preferem se drogar com os modos espiritualmente vazios de entretenimento diário. Viciando-se à nova heroína eletrônica de entorpecimento cerebral chamada internet, o animal

humano cada vez se retira do mundo dos fenômenos físicos para uma prisão domiciliar voluntária segura e com realidade virtual e entretenimento doméstico na esperança de aliviar a ansiedade e o senso de deslocamento ontológico¹.

Distraímos a nossa atenção de nossa própria morte com milhares de outras distrações. O nosso supercapitalista e admirável mundo novo nos fornece alguns artifícios para que possamos afogar nossa consciência em incessantes trivialidades, propagandas, anúncios e outros tipos de distrações. Milhões de mentes alimentadas com tal dieta venenosa de *junk food* psíquico jamais podem atingir a clareza necessária para se libertar do papel de escravo e consumidor obediente que lhes foi atribuído.

Diante da crise global que recai sobre a humanidade, nenhum líder de visão ou integridade moral emergiu com uma solução. As instituições religiosas, sociais e econômicas, que uma vez sustentaram uma civilização ilusória, estão em franca decadência e não inspiram confiança. As massas, precariamente



No Time to Loose 1. Zeena.

educadas, lutam neste período de caos sem bases filosóficas mais sólidas do que aquelas que podem ser obtidas no lixo falacioso da mídia de massa que elas consomem. A universidade, e o que é tido como elite intelectual, abandonou qualquer pretensão de buscar a verdade, tendo sucumbido ao niilismo presunçoso do pós-modernismo, uma antissabedoria que de maneira arrogante separou-se da sustentação de toda a tradição e autoridade espiritual em favor do clichê estruturalista e destrutivo do “politicamente correto”. A ironia simplista e o sarcasmo se tornaram respostas recorrentes para qualquer anseio espiritual autêntico. É irônico que a risadinha nervosa seja o padrão de uma reação vazia a qualquer referência ao sagrado, ao numinoso² e ao religioso no mundo contemporâneo superficial. Em tal ambiente, que, em grande medida, afasta e considera o conhecimento espiritual e os modos transracionais de pensamento como superstição antiquada, loucura sem bases científicas, dogmas repressivos ou, no mínimo, como uma supérflua perda de tempo sem fins lucrativos, alguns iriam sugerir que a raiz da atual crise da humanidade seja essencialmente espiritual por natureza. A ideia antiga é a de que a solução definitiva para a tolice da humanidade reside na região superracional de nossa alma e não em cálculos frios de nossa lógica cerebral sufocante que se assemelham à loucura pitoresca das mentes

¹ NE: Deslocamento do Ser; deslocamento espiritual.

² NE: Transcendental, divino; manifestação da divindade.

intelectuais da atualidade. Contudo, as causas essencialmente espirituais que formam as condições desfavoráveis que dominam a nossa época têm sido universalmente reconhecidas por aqueles que se livraram das amarras da mentalidade egocêntrica para experimentar padrões mais profundos do Ser que reside sob os véus da ilusão.

Na metafísica hindu, sabe-se que vivemos agora na alvorada do Kali Yuga, termo que pode ser traduzido como “Éon da Escuridão”, “Idade das Trevas” ou, ainda, “Era do Infortúnio”. De acordo com a tradição védica dos *yugas*, o desenvolvimento da humanidade transita frequentemente entre ascensões e quedas através de um ciclo de quatro eras eternamente recorrentes, começando com Krita, ou Satya Yuga, a Idade de Ouro da Verdade. Tendo passado as eras subsequentes, Treta e Dvapara Yugas, períodos de deterioração espiritual progressiva, saindo do éon primevo de pureza e perfeição, nós entramos agora no estágio final da dissolução, encarnado no Kali Yuga. Quando o Kali Yuga chegar ao seu fim, o ciclo cósmico irá recomençar com uma nova Era de Ouro reavivada, surgindo das cinzas de nossa atual Idade das Trevas. Esses ciclos também correspondem aos estados internos de transformação do ser do Iniciado em seu caminho para a libertação no qual um “Kali Yuga da alma” deve ser vencido antes que a Era de Ouro do iniciado seja revelada. Até então, contudo, os sintomas tradicionalmente descritos do Kali Yuga, que podemos observar ao nosso redor diariamente (falência espiritual, hedonismo estúpido, colapso de toda estrutura social, ganância e materialismo, egoísmo irrestrito, aflições e enfermidades de todo tipo), irão prevalecer. (Ideias de Idades do Mundo terminais são representadas no Ragnarok nórdico, no Quinto Sol asteca, no Apocalipse cristão e no gnóstico Éon de Tífon).

É da natureza do Kali Yuga deter a maioria dos seres humanos de sua liberação espiritual devido à gravidade da inércia, apatia e preguiça (conhecidos como *tapas*, em sânscrito), que subjuga esta era. Apesar desse prognóstico aparentemente sombrio, há uma saída desse infortúnio para aqueles que têm vontade e força para despertar da letargia excessiva, dentro e fora deles mesmos, para agir. Mesmo na Era da Escuridão, alguns têm uma disposição heroica para romper com as ilusões em que estão atados no espaço-tempo e presos em seu ego em condições específicas do *zeitgeist*³ ao seu redor. Esses heroicos “nadadores” que nadam contra a corrente podem despertar para uma consciência expandida, atemporal e una, não dependendo mais do ciclo dos *yugas*. Dizem que um ser assim é chamado de *jivanmurta*, ou liberado nesta vida, aquele que transcendeu a perspectiva dualista, temporal e medíocre da vida e os medos do ego para atingir o êxtase do estado de consciência transpessoal e divino, antes obscurecido pelo ruído branco⁴ da absorção individual.

³ NE: “Espírito da época”, as características gerais políticas, sociais e culturais que predominam em um dado período no mundo; o *status quo*, o estado geral e atual das coisas.

⁴ NE: Nesse contexto, burburinho, alvoroço ou falatório indefinível e sem sentido que mascara as coisas importantes e significantes, tais como informações, conversas e sons definíveis.



Dakshineswar. Zeena.

Ao mesmo tempo que a cristandade estava garantindo sua posição bem estabelecida no Ocidente, a Índia assistiu à reemergência de uma antiga tradição mística, com o movimento do ioga tântrico, que prometia ser um método de disciplina espiritual especialmente adequado às condições de infortúnio do Kali Yuga. Essa tradição herética secreta era transmitida de um guru, ou mestre espiritual, para o chela, ou aspirante espiritual, após um período árduo de testes para determinar a constituição e qualidades do iniciado. Conhecida também como *vamachara* ou *vamamarga*, essa prática se inicia, como em muitos caminhos do ioga, com a arte de

conduzir a meditação, isolando o pensamento normal e discursivo do ser humano, assegurando-lhe uma percepção pura e sem distorção da realidade. Somente após essa fase de purificação difícil e necessária, o iniciado no *vamamarga* pode desenvolver práticas mais radicais, especialmente como um método extremo de liberação mais apropriado ao radicalismo do Kali Yuga. Essas práticas de *vamamarga* incluem, entre muitas outras: a quebra dos tabus e dos condicionamentos sociais; a exaltação do cósmico feminino; a utilização do corpo físico e do êxtase sexual como um meio de devoção religiosa e de alteração da consciência não dual; e a adoção de um modo de vida deliberadamente transgressivo, estigmatizado e autoproscriito que viola normas sociais, religiosas, comportamentais e culturais, para libertar o iniciado dos grilhões que apartam a maioria dos seres humanos de sua natureza divina oculta. No século XIX, quando os primeiros europeus começaram a ficar inquietos com os cultos secretos do êxtase do *vamamarga*, eles traduziram essa palavra (literalmente “via esquerda”) como “caminho da mão esquerda”.

O Caminho da Mão Esquerda do tantrismo difere do tântrico Caminho da Mão Direita, ou *dakshinamarga*, devido às celebrações de práticas transgressivas, ritos sexuais e à sua ênfase no poder feminino, conhecido como Shakti⁵. Embora tenha se estabelecido que no período medieval a prática da Via Esquerda fosse apenas um meio efetivo de liberação no Kali Yuga, evidências sugerem que as práticas que vieram a ser conhecidas como “caminho da mão esquerda”, de fato, antecedem o tantra de “mão direita”, que tem se desenvolvido como uma versão domesticada e “caiada”

⁵ NE: “Shakti” significa “poder”, e é a manifestação de uma força que complementa outra. Nomes equivalentes e com a mesma “função” são: Sekht, Sekhmet, Shekinah, Sophia, Sapientia.

posterior da disciplina. Alguns fizeram referência à devoção física e sexual do Caminho da Mão Esquerda como “úmida”, em contraste com a metodologia “seca” do Caminho da Mão Direita. Outra descrição metafórica historicamente conhecida é a comparação entre vinho e leite, o primeiro representando o êxtase, o abrasamento e a intoxicação do Caminho da Mão Esquerda; o outro, a abordagem mais branda, suave e metódica das práticas do Caminho da Mão Direita.



Still Life 3. Zeena.

Textos tradicionais descrevendo as condições horrendas do Kali Yuga especificam que a verdade espiritual vai se deteriorar ou será mal compreendida devido ao baixo nível de consciência espiritual na era da escuridão. Os estudiosos de religião comparada e alternativa vão observar como as muitas formas ilusórias, popularizadas e simplificadas de espiritualidade artificial e inferior proliferaram em meio à confusão do mundo moderno, especialmente desde o ressurgimento popularesco do ocultismo e o interesse pela moda do misticismo oriental ocorrido nas décadas de 1960. Essa ingênua

pseudorreligiosidade carente de informação é um típico sinal da deterioração do Kali Yuga. O colapso no Kali Yuga da autêntica tradição espiritual tipifica a crescente degradação daquilo que outrora foi a mais nobre e elevada aspiração da humanidade em direção à iluminação espiritual genuína em centenas de cultos fraudulentos à personalidade, religiões recreativas do tipo “faça-você-mesmo” historicamente desacreditadas, ou, em grande, parte jogos de RPG fantasiosos que utilizam conceitos religiosos parcialmente compreendidos. Alguns buscadores espirituais sinceros são atraídos para as manifestações ilegítimas do Kali Yuga, como a *wicca*, a *new age*, a cultura ocultista *pop*, o assim chamado satanismo, o cristianismo evangélico fundamentalista, o movimento Hare Krishna, os cultos a ovnis, cientologia, falsos xamanismos à moda Castañeda e muitos outros fenômenos modernos deturpados que oferecem imitações baratas do genuíno conhecimento espiritual. Mas nenhuma dessas fraudes pode libertar alguém dos grilhões da Era da Escuridão, cortando totalmente as raízes esotéricas essenciais para a verdadeira iluminação. Até mesmo a tradição do Caminho da Mão Esquerda tem sido degradada nos últimos cem anos, ainda que pela força ignorante da inércia que domina o Kali Yuga.

O Caminho da Mão Esquerda foi condenado como “magia negra” e algo do “mal” nos escritos populares da fundadora da Teosofia, Helena Petrovna

Blavatsky, e os conceitos equivocados e infundados dela foram adotados irrefletidamente por outros autores esotéricos.

De fato, as feministas eruditas em busca de temas relevantes para suas teses poderiam levar em consideração como a tradição original ginocêntrica do Caminho da Mão Esquerda tem sido distorcida e/ou sofrido abuso descaradamente por machos sexistas nos tempos modernos. Entre esses está Aleister Crowley, que desfigurou severamente a compreensão do Caminho da Mão Esquerda no mundo ocidental, caracterizando-o como o caminho do egoísmo e do egocentrismo, uma ideia que pode ser provada como falsa em relação aos tantras originais da Via Esquerda que continuamente enfatizam a transcendência do ego como chave para a total libertação.

Assim, a ideia equivocada de que o Caminho da Mão Esquerda seja “magia negra egoísta” continuou a se propagar como um meme⁶, e tal alcançou o nadir⁷ quando Anton LaVey, proprietário da Igreja de Satã, adotou essa máxima para descrever a sua forma de satanismo grosseiro, ateu, misógino e misantrópico, que, de fato, é exatamente oposto à natureza transcendente, mística, alegre e feminina da verdadeira tradição da Via Esquerda. Desde os anos de 1960, muitos outros “satanistas” e “magos negros” (Templo de Set, Ordem dos Nove Ângulos, entre outras.)



Vama Kalika. Zeena.

apropriaram-se injustamente do termo “Caminho da Mão Esquerda” para definir seu comportamento excêntrico e pueril, sem jamais se preocupar em fazer realmente uma pesquisa sobre a antiga tradição do Caminho da Mão Esquerda, o qual alegam representar. De forma equivocada, mas na contramão das deturpações “satânicas” do Caminho da Mão Esquerda, é a versão caiada e anódina⁸ do “tantra” ensinada por devotos contemporâneos ocidentais da *new age*, que pouco se assemelha à força transgressora original da tradição histórica do Caminho. No século XXI, um ressurgimento do interesse e das práticas da tradição do genuíno Caminho

⁶ NE: Nesse contexto, um “vírus” linguístico, ideológico e informacional.

⁷ NE: O oposto de zênite, ou seja, o nadir é o ponto mais baixo, inferior. Aqui, o jogo de ideias a ser transmitido é algo como “o auge da decadência”.

⁸ NE: Reconfortante, calmante; insignificante, inofensiva.

da Mão Esquerda – em vez das bastardas distorções do século XX – começou a criar raízes no Ocidente. Como praticante de longa data e professora de técnicas de liberação da Via Esquerda, tenho satisfação em ver que estudiosos sérios estão agora concentrando sua atenção nesse ramo deturpado e mal compreendido da tradição espiritual.

Assim, o Caminho da Mão Esquerda, como um movimento autêntico, continua a florescer no Ocidente. Eu prevejo que um intercâmbio maior entre eruditos estudiosos e iniciados da Via Esquerda irá dar frutos, e haverá um novo entendimento do caminho sinistro para a iluminação como uma poderosa ferramenta de libertação transpessoal. Erudição e iniciação espiritual estão unidas na busca comum pela verdade imparcial. Ao aderir aos mais altos padrões de conhecimento objetivo, iniciados da Via Esquerda podem evitar cair na armadilha da fantasia subjetiva sobre a história de nossa disciplina religiosa. Por tentar compreender os *insights* de êxtase da iluminação do Caminho da Mão Esquerda, alguns estudiosos modernos desse Caminho, tais como Thomas Cleary, Georg Feuerstein, Miranda Shaw, David Gordon White, entre outros, já impediram que seu trabalho fosse reduzido a meras abstrações estéreis e desapaixonadas, por meio de seu retrato complacente da tradição da Mão Esquerda.



Dialectics. Zeena.

Com o brilho da luz “masculina” da pesquisa lógica sobre o antigo e sagrado mistério “feminino” do Caminho da Mão Esquerda, uma união simbólica daquilo que Carl Gustav Jung chamou de forças “contrassexuais” de Shiva (consciência pura do não manifestado) e Shakti (poder iniciatório cinético)⁹, é possível trazer iluminação para a nossa atual época de escuridão.

Zeena Schreck é artista multimídia e fundadora e líder do Sethian Liberation Movement.
zeena.eu

S



⁹

NE: Nesse contexto, a Initiatrix, ou Iniciatriz, a Grande Iniciadora nos Mistérios da Via Esquerda.

O “SOM DO CAPETA” PARA A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Música, Fibonacci e o Diabo

Adriano Camargo Monteiro

Um dos meios para expandir a consciência e modificar e transformar o indivíduo em seus aspectos emocional e mental é a música. Na prática da Filosofia Oculta, a música tem sido utilizada de diversas maneiras. Na Via Draconiana, ela é especialmente importante em seus aspectos mais ocultos.



A música sempre esteve presente em todas as culturas e épocas e foi se desenvolvendo ao longo do tempo, sendo usada para diversas finalidades. Os antigos povos de quase todos os lugares pensavam que a música fosse uma dádiva, um presente dos deuses, e, para os gregos especialmente, um presente das deusas: as musas, mais especificamente a musa Euterpe.

Agora, se a musa da música é quem estruturou todos os elementos musicais, ninguém sabe, ao certo... Mas, como é sabido, a música é caracterizada basicamente pelos seguintes elementos: melodia, harmonia e ritmo. A melodia pode ser definida como uma sequência de notas dentro de uma escala, uma após a outra (são os solos

instrumentais e as linhas vocais ou instrumentais); a harmonia é a combinação de notas que são vibradas simultaneamente; e o ritmo é a marcação do tempo e o que faz a melodia e a harmonia fluírem. Além desses, a boa música ainda apresenta dinâmica (volume e intensidade dos sons), timbres etc. Para que uma música possa ser diferente da outra, esses elementos característicos devem ser compostos e arranjados de modos diferentes e com o *feeling* e o “jeito” muito pessoal de cada músico/compositor/instrumentista. E essas características e elementos apresentam certa variedade: diversos modos/tonalidades de escalas), que são a base para as harmonias/acordes e diversos modos rítmicos.

E o que Fibonacci tem a ver com isso? Toda essa variedade dentro da música, que existe essencialmente na matemática, está relacionada à sequência numérica de Fibonacci, que também está relacionada a diversas áreas do conhecimento. Fibonacci, ou Leonardo de Pisa, foi um matemático italiano da Idade Média (1170-1240) que descobriu uma sequência numérica em que o número seguinte é sempre a soma dos dois anteriores, assim: 1, 1, 2, 3, 5, 8... Na música, essa sequência está presente nos intervalos musicais, ou seja, na relação entre duas notas, formando as escalas, que são a base para as melodias e para os acordes (harmonia). Esses intervalos procedem em graus a partir da primeira nota ou tônica. Por exemplo, a escala básica e simples é formada por intervalos de terça (3º grau), quinta (5º grau) e oitava (8º grau) a partir da tônica (1º grau), ou seja, a sequência Fibonacci: 3, 5, 8. Essa sequência, na escala natural, de tonalidade dó maior (ou C, em notação cifrada), apresenta, então, as notas mi (3º grau), sol (5º grau) e dó (8º grau) a partir da tônica dó (1º grau) – em cifras, E, G e C, respectivamente.

Entretanto, há outros números na série Fibonacci, antes e depois dos números 3 e 8. O número zero obviamente “expressa” pausa (ou silêncio), usada na música; o número 1 é a tônica; o outro número 1 é o uníssono, quer dizer, dó e dó, de mesmo grau e altura (ou frequência). Os números depois de 8 apresentam outros intervalos com notas da escala natural (no caso de dó maior) que entram na formação de outros acordes dessa tonalidade, repetindo as notas em oitavas, infinitamente. Quando se tratar de outras tonalidades/escalas, os mesmos intervalos são transpostos para a tonalidade em questão, mantendo a série Fibonacci inalterada.

Mas as músicas compostas com a escala natural (dó maior) e suas transposições para outras tonalidades, que sempre estão nos intervalos correspondentes à série Fibonacci, em geral são bastante consonantes, “agradáveis”, estáveis em sua vibração, como a grande parte das composições musicais fáceis de digerir pela maioria das pessoas. Músicas ou

meros sons consonantes são literalmente harmônicos, segundo o conceito geral e senso comum predominante. Refletem a harmonia comum e a “perfeição” do mundo como ele deveria se manifestar para a grande maioria dos seres humanos e segundo o que esses humanos pensam sobre o que é harmonia. Os sons consonantes expressam, de modo geral, a harmonia universal segundo os padrões rígidos de estética, beleza e, até mesmo, alguns tipos de religiosidade. As escalas e intervalos consonantes e a série Fibonacci seguem padrões tradicionais que refletem um mundo/universo organizado de acordo com regras relativamente restritas. Mas, certamente, existem muitas obras musicais relativamente consonantes excelentes e realmente inspiradas, em diversos gêneros musicais, e que podem levar o ouvinte a um grau de êxtase.



Agora, o que o capeta tem a ver com tudo isso? Simples. Antigamente, quando a religião mandava no mundo ocidental, controlando até mesmo a produção cultural, certos tipos de combinações de notas musicais, ou intervalos, eram proibidos e categorizados como coisas do Diabo. O mais famoso desses intervalos era conhecido como *diabolus in musica*, que era um intervalo dissonante de quarta aumentada (4º grau mais meio tom, a partir da tônica dó, por exemplo, que resulta na combinação entre as notas dó e fá sustenido), ou de quinta diminuta, ou seja, dó e sol bemol, sendo o sol bemol igual ao fá sustenido. Esse intervalo também era chamado de trítono, pois era feito de três tons inteiros. No exemplo, contando-se do dó (C) e indo até o fá sustenido (F#), temos três intervalos inteiros: 1) dó ao ré; 2) ré ao mi; e 3) mi ao fá sustenido. Não seria trítono se, a partir da nota dó, o intervalo fosse apenas fá natural; do mi ao fá natural há meio tom e não um tom inteiro. Logo, o “maldito” intervalo *diabolus in musica* é dó com fá sustenido, podendo ainda ser combinado com outros intervalos que podem ou não estar na série Fibonacci. É claro que esse e outros intervalos dissonantes são bastante usados em diversos gêneros musicais, mas apreciado somente por uma minoria, se comparada às grandes populações ao redor do globo. Está claro que os intervalos dissonantes podem “perturbar” a ordem das coisas, se o leitor já estiver entendendo...



Note que o “som do capeta”, o intervalo de quarta aumentada, não faz parte da série Fibonacci. Quando se quebra a consonância com a dissonância, abre-se um outro universo musical (e não somente musical), mais rico e multifacetado; quando essa “bela” sequência numérica sofre alteração, a harmonia estável é quebrada e a “rebelião” é instalada na ordem das coisas, advêm as transformações, as mudanças, o progresso, novas regras, novas experimentações, experiências, novas percepções, novos mundos. E esses mundos, na Filosofia Oculta, são aqueles que as pessoas comuns, das

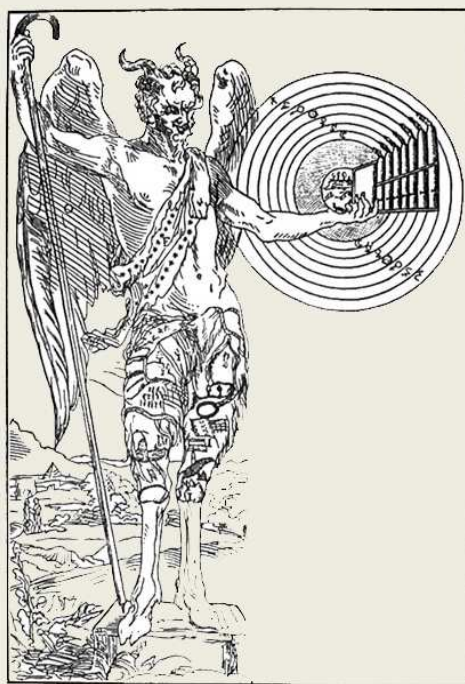
consonâncias demasiadamente açucaradas e das regras restritas, não se atrevem a explorar. As dissonâncias subvertem as tradições e as regras inúteis e restritivas e provocam a inquietação do espírito, geram inquietudes pelo crescimento, por descobertas, pela evolução mental e emocional. A dissonância na música é equivalente ao surrealismo, nas artes plásticas; à poesia “maldita” e romântica e aos poemas sem métricas exatas, na literatura; aos sabores “estranhamente” condimentados, agri doces e apimentados, na gastronomia; etc.

Se um intervalo trítono subverte as escalas comuns de sete notas – correspondentes aos sete planetas “tradicionais” e às sete cores –, a dissonância, na Via Draconiana, subverte os sistemas filosófico-ocultistas tradicionais (e os sistemas sociorreligiosos dogmáticos), obviamente, propiciando ao indivíduo experiências sinestésicas, emocionais e mentais incomuns e gratificantes. A música dissonante, nesses contextos, pode trazer experiências muito além do que se vive cotidianamente. Som, cor e sabor se fundem em uma única entidade que “encarna” a essência de determinada vibração, e comunicações podem ser feitas. O som se funde ao indivíduo, e este pode literalmente sentir o sabor de uma combinação de notas, pode ver o som em cores correspondentes às notas em suas progressões dinâmicas dentro de uma escala. As notas se mostram como entidades vivas e inteligentes e como som musical sem palavras, mas que podem se tornar palavras inteligíveis. O *diabolus in musica* pode trazer à tona atavismos da subconsciência e resolver problemas psicológicos – ou piorá-los, dependendo da vontade, compreensão e discernimento de cada um –, pois cada tonalidade, cada modo de escala, cada tipo de ritmo e cada tipo e timbre de instrumento tem suas características psicomentais e espirituais.

As notas musicais estão relacionadas aos planetas da tradição oculta e alquímica e às cores, como seguem:

- Saturno/nota si/cor preta;
- Júpiter/nota dó/cor azul;
- Marte/nota ré/cor vermelha;
- Sol/nota mi/cor amarela;
- Vênus/nota fá/cor verde;
- Mercúrio/nota sol/cor laranja;
- Lua/nota lá/cor violeta.

Os antigos egípcios sabiam disso e faziam invocações musicais para convocar esses sete planetas (na Filosofia Oculta, o Sol e a Lua são considerados planetas). Assim, uma sinfonia cósmica consonante é a conjunção e o ritmo próprio desses planetas, formando harmonias que alguns consideravam celestes. Uma conjunção entre Júpiter e Vênus faz um intervalo musical entre dó e fá, por exemplo. Quando uma dissonância surge nessa harmonia cósmica plácida (que provoca monotonia e tédio), os planetas revelam seu lado oculto, sombrio, sinistro, impetuoso e impulsivo, porém necessário para as transformações do universo, assim como conhecer o subconsciente (considerado “demoníaco”) é essencial para o crescimento e a evolução mental e emocional de alguém. A dissonância faz brilhar as cores das notas sobre o fundo negro das trevas, pois sem esse contraste não é possível “extrair” a luz e o conhecimento.



Quando o *diabolus in musica* se manifesta na experiência do indivíduo, com a nota “intrusa” “quebrando” a sequência da escala convencional, a dissonância faz uma ruptura, um “buraco negro” na sequência Fibonacci, e as notas dó e fá sustenido (em nosso exemplo aqui) abrem um portal para o qual a consciência é “sugada”, entrando assim na dimensão aberta sinistra e rica de Júpiter, conhecida na Via Draconiana como a qlipha (“concha”) jupiteriana. De modo geral, se a combinação de notas for maior, a experiência e a expansão da consciência também vão se ampliar.

Todos os planetas do sistema setenário planetário da Filosofia Oculta têm seu lado escuro, mais oculto e secreto, que pode ser acessado por meio de seus trítomos. A nota tônica de cada planeta com sua quarta aumentada gera o vórtice energético para o lado oculto, para o “lado negro da força” planetária, para a qlipha correspondente ao plano planetário da nota tônica; a quarta aumentada é que cria a fenda para o “outro lado” (*sitra ahra*). Além disso, o intervalo de quarta justa (4J), em cada tonalidade, vibra os quatro elementos (Ar, Fogo, Água e Terra) no planeta correspondente a determinada tônica. A quarta aumentada “demoníaca” (4+), portanto, vibra o Espírito oculto e sombrio sobre esses elementos, a Sombra (junguiana) inacessível e secreta do Logos individual.

Assim, temos os trítomos de cada planeta, de cada vibração espiritual e frequência mental e emocional:

Nota tônica (1º grau)	Quarta aumentada (#4º ou 4+)	Qlipha planetária
Si (B)	Mi sustenido = fá (E# = F)	Saturno (Satariel)
Dó (C)	Fá sustenido (F#)	Júpiter (Gha' Apsheklah)
Ré (D)	Sol sustenido (G#)	Marte (Golachab)
Mi (E)	Lá sustenido (A#)	Sol (Thagirion)
Fá (F)	Si (B)	Vênus (A' Arab Zaraq)
Sol (G)	Dó sustenido (C#)	Mercúrio (Samael)
Lá (A)	Ré sustenido (D#)	Lua (Gamaliel)

Em termos práticos, e em um contexto apropriado e em conjunto com outras “ferramentas”, a vibração sustentada e não resolvida dos trítomos deve ser feita de maneira correta e de acordo com a natureza de cada planeta/plano de consciência, por meio de certos procedimentos, concentração e vontade. Esse som dissonante juntamente com o ritmo sincopado é o buraco negro do universo mágico, aberto na superfície da consciência comum. Basicamente, a síncope é um deslocamento do tempo normal, da nota do acento rítmico para a batida fraca, que pode se prolongar até a batida forte (acento rítmico), abrindo um buraco no andamento rítmico (como um deslocamento de ar, ou o deslocamento da mente para outro “mundo”). A síncope “quebra” o ritmo, causando a sensação de vazio e de queda, e de queda no vazio; nesse “vazio”, o *diabo in musica* vibra e um portal pode ser aberto para a consciência. Quando a síncope e o trítomo são contextualmente aplicados em uma prática meditativa ou ritualística (simples ou complexa), pode-se atingir certo grau de êxtase correspondente à vibração planetária em questão. Se o êxtase for demais, o indivíduo pode

ele mesmo ter uma síncope, ou seja, “apagar” temporariamente, com a consciência “vazia”.

Pelo que precede, o “diabo intruso” é o guardião do portal para a senda da autoconsciência expandida. O intervalo de quarta aumentada e a síncope vão além do conceito “tradicional”, comum e corrente do que seja divino (o que é muito relativo no próprio nível da vida cotidiana). O trítone sincopado rompe a tal “harmonia divina” para ir mais além da ordem estabelecida e das muitas regras inúteis da existência, para mais além do cosmos como é manifestado, para o “outro lado” (*sitra ahra*), para o universo B, além de nosso universo pretensiosamente conhecido.

Parece que Fibonacci e o Diabo viviam em desarmonia antigamente, em tempos terríveis de dominação dogmática quando a Inquisição via o mal em tudo e categorizava coisas, animais e pessoas como sendo obras do Diabo, segunda sua visão distorcida, tendenciosa e realmente perversa. Tendo a música autêntica e honesta sido inspirada pela musa ao longo da história, fica evidente sua relação com feminino e sua forte influência. A musa Euterpe era também considerada a doadora dos prazeres, dos deleites e da alegria. Daí, o controle da produção musical (e de todos os prazeres do povo) pelas instituições sociorreligiosas repressoras e opressoras, já que a religião/Estado também controlava, perseguia e eliminava o feminino por essas e outras infinitas e absurdas razões “diabólicas”...

Adriano Camargo Monteiro é artista e escritor, autor da obra *Tetralogia Draconiana*.
geocities.ws/adrianocmonteiro/driografia

S



SERIA BELZEBU UMA MOSQUINHA DANADA?

Belzebu, um “demônio” de virtudes divinas

Aristerá



Belzebu é um deus/demônio múltiplo e tem fama duvidosa nos dias atuais. No entanto, como tudo o que foi tangido pela cristandade e outras religiões fundamentalistas, o valor desse ser contaminou-se por verdades tendenciosas. Documentos históricos comprovam que muitos deuses pagãos de ampla adoração e respeito na Antiguidade foram reduzidos a reles “demoniozinhos” pela oportunista propagação do

cristianismo. Qualquer deus que não fosse ligado à fé cristã era imediatamente catalogado pela Igreja como demônio. Ao se fazer referência às qualidades do espírito, a palavra grega *agathodaemon* significa “bom espírito” e a palavra *kakodaemon*, “mau espírito”. Certamente que a conotação cristã é bem pejorativa.

Belzebu, só para começo, não é o Diabo cristão; não é diabo nenhum! Se você não acredita nestas palavras imbuídas de algum embasamento histórico e filosófico, melhor parar por aqui. Aliás, para quem acha que “tudo o que não é Jesus é Diabo”, melhor não pesquisar, porque a ignorância pode lhe cair bem.

O nome Belzebu deriva de muitos nomes similares e é semelhante a outros deuses também: Ba'al, Bel, Baal-Zebub, Bile (irlandês), Beli (galês), Bellenos (celta), Belphegor (arquidemônio solar), Baldur etc. O fato é que Belzebu é muito mais do que um simples demônio e não está sob conjuro de nenhum deus contemporâneo ou do passado. Ba'al era o deus maior do grande panteão canaanita, até que, por conveniência histórica e interesse político-religioso (o pior dos interesses!), ele foi apontado como aquele que “tentou” Jesus, prometendo-lhe “todas as coisas, todos os reinos do mundo”, caso ele abandonasse seus propósitos espirituais.

Em 1928, foram encontradas as tábuas de Ugarit, ao norte da Síria. Ugarit

foi a maior cidade da Era do Bronze canaanita. Essas tábuas continham cinco colunas, entalhadas com escrita cuneiforme, similares às encontradas na região da antiga Suméria e Acádia. O tempo estimado pelo qual essas tábuas estiveram enterradas era de aproximadamente 3200 anos. Elas narram o mito de Ba'al, um Deus que lutava pelo seu povo, que vivia nas alturas, mais precisamente nas nuvens, e de lá lutava pela humanidade e travava guerras com quem quer que desafiasse seus domínios. Nessas tábuas, Ba'al era chamado de “Cavaleiro das Nuvens” ou ainda, “Monstro Nuvem” ou “Senhor da Casa Alta”. A palavra *baal* significa “Senhor” e aparece sempre ao lado de *el*, que significa “deus”, em hebraico. Sua esposa Anath, conhecida como Astarté, também é mencionada durante toda a saga escrita nessas tábuas. Infelizmente, por causa da ação do tempo, esses tesouros arqueológicos sofreram desgastes e muita coisa não é possível interpretar.

Baal é também o arquidemônio da qlipha A'Arab Zaraq, na Árvore da Morte cabalística. Ele é o deus fenício da fertilidade e da sabedoria. Essa qlipha, chamada de “Corvos da Dispersão” ou “Corvos da Morte”, é o lado sombrio da sephira Netzach, na qual está representada a prática da magia sexual (Mão Esquerda) e luciferiana.

O arquidemônio Belphegor está na hierarquia infernal da Cabala como uma manifestação da energia planetária bruta, primitiva e desorganizada na humanidade, ou seja, está acima da incapacidade humana de lidar com suas próprias fraquezas. Baal-Peor (variante assíria de Belphegor) era um deus moabita cujo nome significa “Senhor do Peor”, um monte à margem esquerda do rio Jordão, onde era cultuado. Os israelitas eram bastante apegados ao dual Baal-Peor (ele tinha o aspecto masculino do deus solar, e feminino, de deusa lunar).



O correspondente egípcio de Baal era Amon, deus da luz e do Sol, da força, da saúde, da justiça, da verdade, da vida e ainda criador e organizador do mundo. Baal também tem os atributos de deus solar ligado ao homem pelo seu poder de cura, o dom da profecia e representa a imortalidade. Nas festas da Roda do Ano, temos o sabá Beltane, ou a Festa do Fogo de Bellenos. Bellenos, arquétipo celta correspondente a Baal, era um deus solar da cura, da fertilidade, do fogo e da prosperidade, que marca o início do verão ou dos dias de sol. Os antigos acreditavam que existiam mesmo duas estações do ano, e não quatro como conhecemos hoje. Nessa festa, era celebrado o apogeu da fertilidade de Bellenos e o alcance da maturidade na união dos

opostos que se amavam na totalidade do cosmos. Essa comemoração selava também a sementeira no ventre fértil da terra, para as futuras colheitas. É nessa época que são feitas as danças circulares ao redor dos mastros com fitas coloridas (que representa um grande falo) chamados Maypole. E o sabá justificava muitos casamentos no hemisfério norte naquela época, no equinócio de primavera. Ao contrário do que se ouve sobre o implacável Baal ou Belzebu, Baldur era puro de bondade. Baldur também era um deus da fertilidade, da fartura e da luz (acreditem, ó “temerários da luz”!). Enfim, reunia todos os poderes crísticos de um genuíno espírito solar.

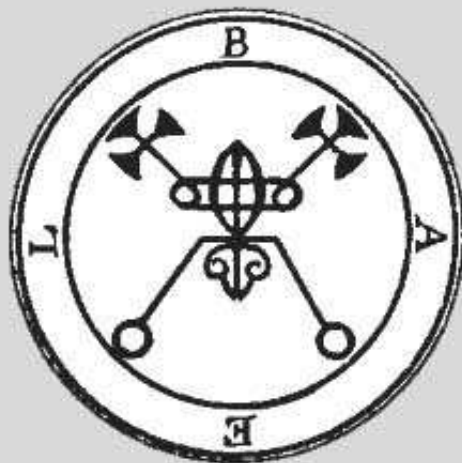


“Belzebu” tem em seu radical também uma palavra que faz alusão à outra faculdade de Belzebu: *zebub*. Ou seja, *baal* = “senhor” e *zebub* = “das moscas” ou “dos escaravelhos”, ou mais genericamente, “das coisas que voam”, já que sempre fazia referências às criaturas aladas. A palavra *zebub* faz referência

também ao escaravelho egípcio (kepheri), que simbolizava a imortalidade e a reencarnação, no Egito Antigo. Era utilizado nos rituais de desencarne dos faraós e é mencionado inclusive no *Livro egípcio dos mortos*. Nos corpos de alguns animais embalsamados foram encontrados escaravelhos no local do coração. No mito de Ba’al narrado nas tábuas de Ugarit, tendo em vista que a referência feita a ele como “Cavaleiro das Nuvens”, não são injustificados seus outros significados.

No livro *Histórias de Belzebu para seu neto*, o ocultista Gurdjieff apresenta uma compilação numerosa de crônicas nas quais mostra um Belzebu extraterrestre, vindo de outra galáxia, que se instalou em Marte, teceu seus planos para a Terra, conheceu Vênus e fez várias descidas ao nosso planeta. Esse Belzebu conta a situação de evolução da humanidade com seus triunfos e percalços. O Belzebu de Gurdjieff participou também dos processos de ascensão e queda das raças da Terra.

Uma possível hipótese é que ele seja uma inteligência extraterrena, até pela aparência dita grotesca aos olhares desprevenidos, em diferentes relatos. Caso contrário, por que tantas referências a um ser tão diferente de nós – cauda, chifres, corpo grande e cheio de pelos e *alado*? Belzebu pode ter sido, sim, um ser muito evoluído (com ou sem corpo físico), fortemente instruído e que sabia exatamente o que fazia quando lidava com o material humano de nosso planeta. Na tradução de *The goetia: the lesser key of Solomon the king*, de MacGregor Mathers, editado por Aleister Crowley, Baal aparece como Bael. Desnecessário dizer que difere da criatura que encontramos em um passado remoto, mas ainda assim é o mesmo espírito ao qual este texto se refere.



Para Samael Aun Weor, Belzebu é um espírito errante no passado, hoje redimido, conforme relata no quase “romanceado” *A revolução de Belzebu*. Este foi feito com o intuito de expressar, através de Belzebu, a escolha do mago entre um caminho que escraviza e outro que liberta. Mas é preciso admitir que deixou a desejar, dentre muitas obras do “mestre” neognóstico. Quem saberá, nos dias de hoje, o que ele queria dizer em meio a tanto mistério? O mesmo Samael que atacava os ocultadores, dizia também que a *Bíblia* era gnóstica e para gnósticos (um verdadeiro jogo de “quem oculta o quê”). Nessa obra, Samael adotou um discurso bem pessoal (atacando abertamente Papus, a Amorc, da Califórnia, entre outros) e um tanto maniqueísta para quem supostamente trabalha pela Via Esquerda. Samael descreve “Belzebu amansado”, arrependido e regenerado, como se fosse um desses pobres diabos do nosso mundo atual que fazem tudo errado e depois se convertem cristãos, na maior cara de pau. Samael tinha a equivocada visão de bem e mal sobre magia branca e negra, respectivamente. Os não teurgos também praticam magia sexual; será tão diferente do *maithuna* dos “gnósticos” tântricos? Não há o que segmentar. Os que caminham na Via Esquerda sabem exatamente que magia não tem cor, mas intenção: não é magia branca ou negra, mas sim escrupulosa ou inescrupulosa! É estranho que um espiritualista como Samael não tivesse consciência do mal que fazia ao lançar tantas dicotomias. Atacar Papus dessa forma, fragmentar a magia como ele fez, só faz gerar mais confusão do que a já instalada entre os buscadores do conhecimento mágico.

Como se pode dizer que Belzebu – ninguém mais que Baal –, que era um deus da criação, poderia ter órgão kundartiguador¹? Se Belzebu praticasse magia sexual corrompida, como poderia ser um deus da fertilidade? Todos os deuses têm a sina de ser a “imagem e semelhança” do homem?

Nem todo pobre diabo tem cauda e asas, mas os dragões têm! Tinha chifres porque eles representavam não só sua soberania, mas principalmente seu maior poder: o da fertilidade! Certamente que Belzebu não era o celerado

¹ NA: Órgão kundartiguador, na gnose de Samael Aun Weor, é a descida da serpente kundalini, dada a prática sexual “corrompida” em que, da ponta do cóccix, faz-se brotar uma cauda representando a descida da serpente.

arrependido, conforme descrito em *A revolução de Belzebu*. Para piorar ainda mais, Samael põe Lúcifer como incitador de Jeová à fornicção. Mentira! Jeová era o maior fornicador chauvinista! Tudo isso acontece até hoje, e por causa da falta de qualidade das traduções dos textos sagrados – mas este é objeto de estudo para tradutores, gramáticos e linguistas.

O antigo e poderoso Baal canaanita teve sua derrocada quando alguém acusou sacerdotes judeus de praticar cultos de prostituição sagrada em seu nome. Sob essa ótica, quem é o *kakodaemonos*, senão o homem? De quem é o espírito corrompido, sujo e promíscuo, senão o de um sacerdote que promove “orgias sagradas”? Seriam mesmo orgias ou práticas de magia sexual? Desde longa data, não há mais testemunhos confiáveis sobre o assunto.

Posteriormente, ele teve seu nome e importância completamente atirados ao lixo. Foi na Bíblia que ele passou a ser chamado de Belzebu, o Senhor das Moscas. Os cristãos passaram a dizer que o “seu Deus” criou todas as coisas e criaturas, menos as moscas. Diziam ainda que, quando invocado por magos e feiticeiros, aparecia em forma de mosca. Belzebu foi ainda mais dilacerado pelas infinitas injúrias judaico-cristãs e de quem mais pudesse interessar.



Belial foi outro correspondente canaanita de Baal. Segundo a mitologia que fala da queda (ou descida, melhor dizer) dos anjos, é contado que foi Belial quem encorajou Lúcifer a descer com a Chama da Sabedoria. Até por essa razão, Anton LaVey traduziu seu nome como “Sem-Mestre” e classificou-o como um espírito ou deus da fertilidade e da prosperidade e considerava-o um espírito do elemento Terra. O fato é que Belial também tem as mesmas referências remotas de Belzebu, sendo apontado como semelhante, e em algumas delas como o próprio Baal. A etimologia de *beli-ya'al* (*beli* = “sem” e *ya'al* = “deus”, ou ainda, “bom” e “próspero”). Trata-se de mais um arquétipo riscado pela ganância monoteísta.

Muitos deuses foram tomados, por dimensões demoníacas errôneas, como espíritos malévolos. Nada contra demônios, mas a maioria desses que estão por aí não são apenas demônios, são divindades arquetípicas que presidiam e organizavam a complexidade da alma humana. Tendo em vista tantas traduções equivocadas ou tendenciosas dos evangelhos, melhor começar a tomar cuidado com o que lemos nas escrituras judaico-cristãs. É nítida a intenção de esconder a boa fama dos antigos espíritos e dar-lhes reputações depreciativas. Coincidentemente, o “erro de tradução” sempre implica algo ruim, nunca respeitoso, bom ou, no mínimo, isento. Os demônios, seja

qual for sua natureza, fazem-nos mais fortes porque nos mostram as nossas fraquezas em vez de iludir-nos com promessas divinas que aliciam nossas vaidades. Ninguém fala da “ira marcial” do Deus cristão, da “luxúria” do deus Jeová, da “tirania” de Alá ou da “perversão temerária” de Abraão, que não teve dúvida ao oferecer a vida de seu primogênito em sacrifício. Com esse “show de maldade” da raça humana, quem precisa de demônios ou de Diabo?

Antes que as bíblias e outras escrituras deturpadas enterrem toda a tradição e nos emburreçam, lembremo-nos da história diferente sobre Belzebu e de muitos outros demônios dotados de virtudes divinas.

S





Ainda que use insígnias de ouro, mono continua sendo mono.

Luciano de Samósata

*A caminho do cemitério, encontraram-se dois amigos:
‘adeus’, disse o vivo ao morto; ‘até logo’, disse o morto ao vivo.*

Anônimo (você conhece?)

Quando o Diabo está satisfeito, é boa pessoa.

Jonathan Swift

*Sermões não irão curar mais o vício
do que remendar um pneu furado.*

Bertrand Russell

*O cérebro do imbecil transforma a filosofia em estupidez, a ciência
em superstição e a arte em pedantismo; a esse triângulo de erros
damos o nome de instrução.*

Bernard Shaw

O Diabo foi o primeiro democrata.

Lord Byron



BRIGAS INÚTEIS LONGE DAQUI

Religião e ciência

Romantismo e iluminismo

Thomas Karlsson*Tradução: Adriano Camargo Monteiro*

◊ pesquisador americano Pascal Boyer alega que a religião seja um parasita cognitivo que come as faculdades cerebrais. Essa forma de argumentação contra a religião vem ganhando novas forças recentemente, após ser deixada para trás no início do século XX. Cientistas antirreligiosos têm conseguido muita atenção, assim como o zoólogo Richard Dawkins, com sua crítica religiosa em seu livro *Deus, um delírio*, de 2006. A religião é contrastada com a ciência como dois polos imutáveis e irreconciliáveis. Novas críticas contra a religião novamente surgem após o ataque de 11 de setembro contra o World Trade Center. Os temores do terrorismo islâmico e os cristãos armados fizeram muitos escritores e opinadores pregarem, na mentalidade de Dawkins, que a religião é algo maligno. A religião é descrita como um ensinamento autoritário em que o indivíduo se submete a um Deus despótico.



É a religião algo que pertence ao passado inútil da história e que é impossível harmonizar com a liberdade e com a ciência moderna?

Alguns problemas aparecem nas afirmações de Dawkins e seus seguidores.

A religião é, para começar, não um fenômeno unilateral, mas um termo abrangente que inclui miríades de aspectos. A religião pode ser um conjunto de padrões sociais de comportamento, principalmente relacionados às comemorações mundanas de natal ou a um concerto de *rock*. Para muitas pessoas, grupos religiosos são importantes redes econômicas em que confiáveis compradores de automóveis são tão impor-

Por muito tempo, o esoterismo foi visto com ceticismo, ou hostilidade mesmo, pela religião e pela ciência. Os teólogos viam os ensinamentos esotéricos como heréticos e os cientistas os consideravam não científicos. A erudita Frances Yates (1899-1981) alegava o oposto, que o esoterismo, ou o que ela considerava como “A Tradição Hermética”, tinha sido fundamental para o crescimento dos valores do iluminismo, das correntes liberais e da ciência moderna, um pensamento que já fora apresentado nos anos de 1930 pelo historiador das ideias, o sueco Johan Nordström. Sem dúvida que o ocultista renascentista Pico Della Pirandola teve um papel decisivo no surgimento do individualismo e do humanismo. Os filósofos do iluminismo acertadamente combateram os religiosos autoritários e supersticiosos daquele tempo, mas, equivocadamente, o iluminismo se tornou associado ao materialismo em nossa sociedade. Assim, um esoterista está em duas frentes de guerra, tendo por um lado um cientificismo que transforma a ciência em um dogma que nega todos os valores espirituais, e, por outro, as religiões autoritárias que adoram a censura.



Os praticantes do Caminho da Mão Esquerda são diferentes daqueles que alegam praticar magia branca, pois exaltam personagens revolucionários como Lilith, Lúcifer, Prometeu e Loke. De diferentes maneiras, eles representam a liberdade e o conhecimento. Os chamados Anjos Caídos presenteiam o homem com o conhecimento; Satã (ou Lilith?) furtivamente entra no Jardim do Éden e oferece todos os frutos do conhecimento; Prometeu rouba o fogo dos deuses e o entrega à humanidade. A mensagem dessas histórias pode ser interpretada como uma terrível advertência sobre os riscos do

conhecimento, que é a interpretação da religião, ou como uma recomendação para abraçar o conhecimento e ousar questionar e se opor aos deuses, que é a interpretação sinistra. O Caminho da Mão Esquerda, baseado nesses temas mitológicos, exalta a busca livre do homem por conhecimento e pelas ciências liberais.

O praticante da Mão Esquerda se identifica com os gênios loucos – um Frankenstein ou um Van Gogh, por exemplo –, em vez de estar associado à figura de um obediente membro de alguma congregação, como um judeu piedoso ou um seguidor passivo e politicamente correto. Quando o rabino

Löw¹ cria um golem no Gueto de Praga (República Tcheca), é visto pelos religiosos como uma advertência sobre as consequências de imitar Deus, ao passo que o magista sinistro vê isso como um modo de comportamento, um ato de verdadeira criação.

Mas, ao mesmo tempo, a revolta jamais deve se tornar um beco sem saída, que é o caso das interpretações vulgares da filosofia sinistra. A revolta serve para a iniciação, o autodesenvolvimento e o aumento de conhecimento. A revolta sinistra não é um protesto infantil contra os pais, mas a luta obstinada do cientista para aumentar seu conhecimento, ou o entusiasmo do aventureiro para aumentar suas habilidades. Isso é o instinto luciferiano que deve ser aguçado e enobrecido em um contexto iniciático, do mesmo modo que escolas e universidades



aguçam o intelecto dos estudantes, ou os esportes aumentam as habilidades dos atletas.

O Caminho da Mão Esquerda é o terceiro, entre as crenças religiosas e o cientificismo materialista. Do mesmo modo, a espiritualidade das sombras é um terceiro caminho entre a filosofia do iluminismo e a visão de mundo que se desenvolveu no romantismo.

“A religião é o ópio do povo”, disse Karl Max. E ele viu nas religiões um tranquilizante que induz as massas a um sono de passividade e falsa segurança. De fato, as castas predominantes têm usado a religião para controlar e dominar as pessoas e para legitimar sua soberania como a “vontade de Deus”. Seus argumentos poderiam ser: “Nós governamos vocês porque é a vontade de Deus. Não se oponham a nós, ou vocês terminarão no inferno.” Essa é uma visão ultrapassada da religião, existente já na Antiguidade, entre as críticas contra a religião. Podemos encontrar suas formas modernas durante o iluminismo do século XVIII, quando filósofos como Voltaire atacavam a Igreja. O plano do iluminismo era basicamente propagar a educação, a razão e a sensibilidade; a ideia era que, somente se os homens se tornassem sensatos, eles poderiam eliminar o jugo da repressão e da superstição e se tornar indivíduos soberanos sobre si mesmos.

¹ NT: Judeu que, segundo a lenda, no século XVI, criou um ser humanoide artificial de barro conhecido como golem (equivalente ao homúnculo dos alquimistas) para proteger o gueto judaico contra os antissemitas. Porém o golem se tornou independente, mais forte e destrutivo, voltando-se contra os próprios judeus.

Mas então veio a Revolução Francesa e, cerca de cem anos mais tarde, a Revolução Russa. Ambas as revoluções, embora muito diferentes, foram alimentadas com a visão de combater a opressão, acabar com as superstições religiosas e pretendiam representar a razão e a ciência. A Revolução Francesa conduziu a um terror de execução em massa e finalmente à ditadura de Napoleão, enquanto que a Revolução Russa daria surgimento a Stalin e ao genocídio. Como resultado dessas revoluções, pensadores questionaram se a razão realmente era sensata. Após a Revolução Francesa, o romantismo se desenvolveu na arte, na literatura e na filosofia e trouxe críticas contra os valores do iluminismo.

Os românticos acreditam que a razão não poderia ser tudo. A vida e o universo são muito vastos e maravilhosos para serem percebidos apenas pela razão. A razão não pode explicar o amor ou o significado da vida. Intuição, criatividade artística, emoções e experiências espirituais poderiam melhor apreender a vida do que meramente o raciocínio, de acordo com os românticos. Embora personagens centrais do romantismo, como o casal Shelley, fossem ateus anarquistas, a crítica contra a obsessão pela razão no iluminismo seria assimilada também pelos pensadores conservadores. Em nossa sociedade contemporânea, os valores do iluminismo são, muitas vezes, usados de uma maneira superficial como uma oposição ao pensamento religioso. Embora a maioria dos pensadores dos iluministas acreditasse em uma realidade espiritual, eram opositores contra o que consideravam ser uma fé cega e contra sacerdotes opressores.



Pode-se dizer que a Corrente Draconiana e o Caminho da Mão Esquerda representam uma síntese das ideias do iluminismo e da visão de mundo do romantismo. Sobre o que seja o iluminismo e o romantismo, os eruditos podem debater eternamente. Mas se fizermos uma

categorização básica e definirmos os ideais do iluminismo como um foco no individualismo, racionalismo, educação e nas possibilidades de o homem se libertar da opressão e criar sua própria situação, então a Corrente Draconiana representa os valores do iluminismo. Se dissermos que no romantismo há muitas coisas que nossa razão comum não pode explicar, como o significado da vida, e que há muito mais do que apenas o mundo material a nossa volta, então a Corrente Draconiana tem um alto grau de relação com o romantismo. Entretanto, se o iluminismo representa materialismo, individualismo niilista e modernismo fora de lugar, então a Corrente Draconiana está indo na direção oposta. Do mesmo modo, a Corrente se opõe àqueles aspectos do romantismo que são escapistas e sonhadores. A Corrente Draconiana é vitalista e orientada para a ação.

A Corrente Draconiana é baseada na ideia de que existem fenômenos que não se permitem ser percebidos pela razão ou provados pela ciência. Nessa Corrente, há também o princípio vital draconiano, o que significa que o todo é mais do que a soma de suas partes. Considerando assim, essa Corrente é baseada em uma visão de mundo espiritual e não materialista. A Corrente Draconiana e o Caminho da Mão Esquerda exaltam os personagens revolucionários e sombrios que são associados com a autonomia e o conhecimento. Essa Corrente é uma elevação esotérica e metafísica da ciência. Quando o homem come do fruto do conhecimento, ele conduz um primeiro experimento científico, e por isso ele é punido por Deus. Uma pessoa religiosa tradicional se esforça para voltar ao Éden, ao passo que o adepto do Caminho da Mão Esquerda se esforça para aumentar sua compreensão do conhecimento oculto e para atingir níveis superiores de segurança e autonomia.

Assim, o Caminho da Mão Esquerda é uma síntese do conflito religioso para uma realidade espiritual superior e para uma determinação científica que investiga e pesquisa livremente. O Caminho da Mão Esquerda é, do mesmo modo, uma síntese entre a luta do iluminismo por liberdade e conhecimento e as visões românticas do sublime que se abrem além dos limites da razão.

Já que a Corrente Draconiana não busca uma visão de mundo harmoniosa absoluta e única, isso, paradoxalmente, não significa que o adepto da Mão Esquerda seja um mediador entre religião e ciência, iluminismo e romantismo, mas que o adepto, voluntária ou involuntariamente, pode se encontrar em uma guerra de duas frentes, com uma dicotomia que caracteriza a nossa sociedade moderna.

Thomas Karlsson é escritor, pesquisador, ocultista e fundador da Dragon Rouge, da Suécia, e letrista da banda sueca Therion.
dragonrouge.net

S

FEMINISTAS AINDA “MACHISTAS”?

As mulheres sacerdotisas e a escravidão no século XXI

Amyr Cantusio Jr



Ao contrário do machismo desenfreado que, através dos sistemas muçulmanos e cristãos, fez imposições escravagistas às mulheres, o ocultismo e as antigas Artes da Sabedoria colocavam-nas entre as deusas e principais profetisas. Hoje, a mulher, mesmo a dita “feminista”, apenas mascara sua servidão ao homem; vende-se fácil, coloca um preço na sua vida, já que sempre há um comprador por trás.

A mulher, que tem o poder da bruxa, de ser mais bem-dotada do que o homem e mais ligada às forças cósmicas pela sua psique e feminilidade, hoje não passa de um brinquedo da mídia, perdendo, assim, sua chance de realizar a Arte Maior.

As mulheres atuais se tratam para vender o corpo a bufões gordos, impotentes, feios e débeis, mas que têm grande poder financeiro. A consequência é que ficam insatisfeitas e fúteis e acabam se prostituindo por meio do adultério para realizar suas fantasias eróticas inacabadas. Isso gera uma decomposição familiar e social, além de colocar a mulher que se acha feminista abaixo do homem novamente, como servente. A mulher, hoje, quer chegar a um pseudofeminismo fazendo o que os homens fazem: jogar futebol, lutar boxe, encher a cara e fumar em botequins, achando que isso é “feminismo”! Pasmem! Ainda vendem essa ideia e brigam por ela!

Na realidade, elas deveriam ser totalmente superiores, utilizando sua bela máquina e mente aguçada para elevar o padrão social, e não se entregando a qualquer homem rampeiro ou fazendo o que esses mesmos analfabetos fazem: churrascada com pinga, futebol, assuntos mundanos de compra e

venda, escutar pagode e música sertaneja o tempo todo, sem ter cultura alguma ou noção de educação ou conduta. Depois, acham que a sociedade pode melhorar na sua estrutura, com um comportamento imbecil desse? Vocês, me poupem, porque gosto aqui não é a regra, mas sim ética e princípios.

Note que citarei aqui as antigas profetisas vestais romanas, as sacerdotisas de Hórus, no Egito, as pitonisas gregas, as grandes deusas da Antiguidade, como Ishtar, Vênus, Afrodite, Lilith, Ísis, Hator, Perséfone, Deméter, Hécate etc. Um sem número de divindades femininas. Também homenageio aqui as três grandes dirigentes da Sociedade Teosófica, a saber:



Helena Blavatsky, Annie Besant e Alice Bailey (esta fundou a Sociedade Secreta Arcana). Três mulheres que teriam que ser seguidas pelo seu exemplo, sabedoria e espiritualidade. Há também a filósofa grega que morreu esquartejada pela Inquisição cristã imbecilizada, na Grécia, Hypatia, entre inúmeras outras grandes figuras femininas. Varrendo a vastidão histórica, encontraremos a grande sacerdotisa Nefertiti, que fundou, com seu marido Akhenaton, a Cidade Sagrada do Culto a Ra (O Sol), chamada Tel-Arminia. Chegando ao patamar da Índia, iremos ao encontro dos templos tântricos, dedicados à exploração (não monetária) dos prazeres do sexo para elevação da superconsciência. Saiba que a mulher, nesses templos, era quem dirigia as rédeas e escolhia seu parceiro, de forma a gerar uma união sexual prazerosa e elevada.

Nos desertos do Saara, as tribos tuaregues têm em suas mulheres um perfil de guerreira, as quais escolhem sempre o melhor e mais equipado macho para serem pais de seus filhos. Hoje, as mulheres escolhem os piores bandidos e retardados para gerar os piores elementos da sociedade, em casamentos que não duram três meses!



Uma quantidade enorme de divindades, desde a Mesopotâmia Antiga até o Egito e Índia, era dedicada às deusas, como Ishtar, Perséfone, Tiamat, Lakshmi, Hator, Sekhmet, Ísis, Selkis, Lilith etc...

Quem não se lembraria da grande Cleópatra, que, além de bela, era de uma

cultura ímpar, e com sabedoria e sedução subjugou dois grandes imperadores romanos, Júlio César e Marco Antonio! O quão belo seria se a sociedade atual resgatasse esse poder único e inerente ao sexo dito “frágil” para pôr em ordem o planeta com toda sua estrutura metafísica!

Amyr Cantusio Jr é músico, compositor, psicanalista, ocultista e fundador do Projeto Alpha III, de música progressiva.
myspace.com/projectalpha3

S



A DOIS É MELHOR

Tantra, alquimia e amor verdadeiro

Nema

Tradução: Adriano Camargo Monteiro

Embora os puristas possam reclamar, vejo o tantra oriental e a alquimia ocidental como duas versões de uma mesma coisa: magia sexual. Ambos podem ser empregados para carregar um ritual ou um trabalho geral com tremendo poder para causar mudança de acordo com a Vontade. Ocasionalmente, tenho encontrado colegas no caminho iniciático que, entretanto, não gostam da ideia de magia sexual, vendo-a como um tipo de prostituição da expressão mais profunda do amor entre parceiros.



Arte: Nema.

Em minha própria experiência, magia e amor intensificam um ao outro; sexo e amor não estão necessariamente ligados, nem magia e sexo. Magistas experientes, sob condições adequadas, preferem a presença de todos esses três fatores, mas nem todos são necessários para se trabalhar com os poderes do tantra e da alquimia. Algumas definições podem ser úteis neste ponto. Em minha opinião, a definição de Aleister Crowley sobre magia não é ultrapassada: “Magia é a ciência e a arte de causar mudança de acordo com a Vontade.” Isso inclui influenciar o mundo ao nosso redor, assim como trabalhar para a nossa própria transformação pessoal. O tantra, novamente como eu o vejo, é a prolongamento da tensão pré-orgástica sem se esforçar para atingir estados de êxtase de consciência e desaparecimento pessoal. A alquimia é o controle da tensão sexual e do relaxamento para que a força de vontade cause mudança no mundo material, assim como nos mundos mais rarefeitos.

Na magia ocidental, a alquimia é considerada em dois níveis: no antigo sentido físico de atanor (NT: forno alquímico), pedra filosofal e elixir da vida; e no sentido sexual, em que o corpo humano é um laboratório que pode propriamente fazer elixires. Em geral, o tantra parece mais apropriado para a exploração interior e para a descoberta de informações metafísicas, ao passo que a alquimia é destinada mais para trabalhar a sua vontade em suas circunstâncias. Em qualquer caso, há vários modos de empregar os benefícios da magia sexual em sua senda. A primeira abordagem representa alguns problemas: autoerotismo é mais simples e fácil do que trabalhar com um parceiro, embora não forneça todo o espectro de energias que são divididas entre homens e mulheres.

Trabalhar com tantra e alquimia como um casal iniciado e experiente é o “modo padrão” e o melhor dos casos. Você tem unidade de propósito, familiaridade com a maneira que seus corpos e espíritos trabalham juntos e algum grau de domínio sobre o fluxo de energia e sobre o direcionamento das correntes mágicas do universo. Não somente você expressa seu amor recíproco, mas também o envia para além de si mesmo com vontade compartilhada por um bem maior. Você pode proceder igualmente bem nos aspectos orientais e ocidentais da Arte e pode trabalhar tanto espontaneamente como deliberadamente.



Os Amantes. Nema.

Não existe conflito nessa combinação e problema ético inerente algum. O que você faria na situação em que você é magista e seu parceiro não? Tantra ou alquimia interfere na atenção e no compromisso total que seu parceiro merece?

Não necessariamente, quando você preparou um talismã ou sigilo com sua palavra de poder, para usar na hora certa. Quando a paixão move vocês para unirem-se sexualmente, dedique-se a ela completamente. Na satisfação do sexo, quando seu parceiro entra gradualmente no sono,

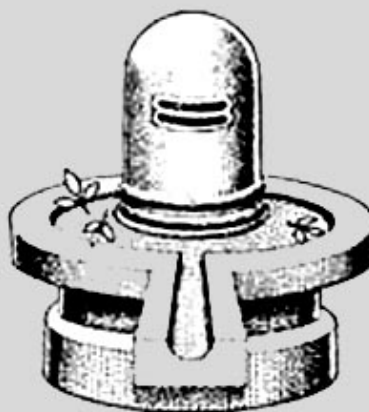
visite brevemente seu altar, ou tenha o símbolo à mão, para untá-lo com o elixir. Um amante ignorante de magia não está sendo “usado”, mas sim estimado e considerado sagrado pelo amante iniciado, consagrado e inundado pela essência do amor sob vontade. Para mim, não há forma superior de fazer amor do que imbuí-la de magia, usada com compreensão e sabedoria. Ela acrescenta, não dificulta.

Os assuntos sobre tantra e alquimia cobrem um vasto território, embora sejam subdivisões de áreas maiores da magia e metafísica.

Amor é a Lei. Amor sob Vontade.

Nema é escritora, artista e ocultista de orientação thelêmica, canalizadora e divulgadora da Corrente de Maat.
horusmaat.com

S



DEMOGORGON

Na rua cheia de sol vago há casas paradas e gente
que anda.

Uma tristeza cheia de pavor esfria-me.

Pressinto um acontecimento do lado de lá das
frontarias e dos movimentos.

Não, não, isso não!

Tudo menos saber o que é o Mistério!

Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,

Não vos ergais nunca!

O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-
se!



Deixai-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber nada!

A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver tudo,

Deve trazer uma loucura maior que os espaços

Entre as almas e entre as estrelas.

Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta gente;

Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente...

Que bafo horrível e frio me toca em olhos fechados?

Não os quero abrir de viver! Ó Verdade, esquece-te de mim!

Álvaro de Campos

O JARDIM DO AMOR

Eu fui ao Jardim do Amor,

E vi algo jamais avistado:

No centro havia uma Capela,

Onde eu brincava no relvado.

Tinha os portões fechados, e “Proibido”

Era a legenda sobre a porta escrita.

Voltei-me, então, para o Jardim do Amor,

Que outrora dera tanta flor bonita,



E vi que estava cheio de sepulcros,

E muitas lápides em vez de flores;

E em negras vestes hediondas os padres faziam rondas,

E atavam com nó espinhoso meus desejos e meu gozo.

William Blake

O POSSESSO

Cobriu-se o Sol de negro véu. Como ele, ó Lua de
minha vida, veste de sombra.
Dorme ou fuma à vontade; sê muda, sombria.
E no abismo do Tédio, íntegra, afunda.

Eu te amo assim! Entretanto, se agora desejas,
Como uma estrela eclipsada a sair da penumbra,
Pavonear-te onde a Loucura obscura-te,
Pois, então! Doce punhal, aparece de tua bainha!

Ilumina a tua pupila na chama do candelabro!
Acende o desejo no vislumbre dos campos!
Em ti tudo é prazer, mórbido ou insolente!

Seja o que desejas, noite negra ou rubra aurora,
Não há uma fibra em todo o meu corpo pulsante
Que não exclame: Ó meu querido Belzebu, te adoro!

Charles Baudelaire

SINESTESIA

Temperar um pouco o Céu
Com a dissonância do Inferno.
Os anjos parecem insípidos,
Enfastiados e sem graça,
E o Paraíso, plácido demais.
Um pouco de agridoce e ácido,
Notas intrometidas semitonadas,
Síncopes para quebrar o tédio,
Sombras para aplacar a luz
E demônios para perturbar a paz...

Temperar o vício do Inferno
Com o viço do Paraíso.
Os demônios parecem insaciados,
Em *desgraça* e extasiados,
E o Inferno, ardente de menos.
Um pouco mais de sal e pimenta,
Notas angelicais e gemidas,
Cadências para seguir as curvas,
Penumbbras para *misteriar* a névoa,
Fogueiras para inflamar o véu
E deusas para *viciar* o Céu...

Adriano Camargo Monteiro



VOCÊ ESTÁ SOB A ROSA. NÃO CONTE A NINGUÉM

Rosa Mundi

Shani Oates

Tradução: Adriano Camargo Monteiro



A beleza enigmática e o mistério da rosa têm cativado amantes, artistas, poetas e filósofos por milhares de anos. Esse símbolo arcaico da “virtude”, em seu mais verdadeiro sentido, simboliza tudo o que é paradoxal na fragilidade humana infundida pela centelha prometeica.

O símbolo acima é um dos monogramas de nosso clã. Em torno do duplo tau central – o pilar alquímico da transformação por meio do sacrifício –, dois C representam a ascensão e a queda da virtude, com as rosas branca e vermelha em suas extremidades. No Clã de Tubal Cain, a rosa branca evoca Sofia, equilibrada pela rosa vermelha de Lúcifer, ambos luminares dos mistérios supremos. Cada C é enrolado sete vezes por um filactério¹ indicativo de várias práticas esotéricas e dos sete níveis ou degraus da escada para/e do plano gnóstico.

Pares de tempo e eternidade, serenidade e paixão, vida e morte, fertilidade e virgindade, sedução e devoção acompanham a Graça sublime – o pleroma místico da realização, para expressar o mistério pleno do coração da rosa. Assim é o ponto central em uma cruz, significando unidade e harmonia divina. Essa doutrina fundamental representa a discrição do

¹ NT: No judaísmo, tiras de couro atadas a duas caixinhas de couro que contêm pergaminhos com trechos da Torá. Uma das tiras é enrolada no braço esquerdo com uma caixinha, e a outra caixinha é presa à testa. Também chamadas de tefilin. Aqui, a autora se refere às tiras enroladas nos dois C e atadas às rosas branca e vermelha.

silêncio, muitas vezes denominada de *sub rosa*², usada onde essa virtude se faz necessária.

Pode-se dizer que as dez pétalas dessa rosa dupla, combinadas com a semente, representam qualidades similares atribuídas às 11 sephiroth (incluindo Daath) na Árvore da Vida. Seu equilíbrio dinâmico reflete muito bem as pétalas da rosa abaixo. A coroa dourada – Kether é central – significa a essência verdadeira de todas as coisas. Outros exemplos esotéricos dos mistérios sublimes nas imagens simbólicas da natureza, especialmente as formas cognatas do jardim, são a árvore e a donzela.

Espiralando no sentido anti-horário do centro da rosa, sugiro as seguintes associações:

- 1. Kether – Verdade
- 2. Chockmah – Misericórdia
- 3. Binah – Tristeza
- 4. Daath – Ressurreição
- 5. Chesed – Martírio
- 6. Geburah – Mortalidade
- 7. Tiphareth – Amor
- 8. Netzach – Beleza
- 9. Hod – Vida
- 10. Yesod – Criação
- 11. Malkuth – Fertilidade



Espiralando a partir de Malkuth, no sentido horário, vamos para o interior, Kether, a misteriosa joia dourada no coração da rosa.

Amor desconhecido, consagre então o teu cultivo secreto, sem alarde, e floresça invisível e silencioso. Fique imaculado, produza frutos, ganhe vida e espere até que o ceifeiro alado venha. H. Vaughan

Ressurreição, martírio e tristeza escurecem em vermelho-sangue a rosa pálida de outrora. Sagrada para Afrodite, Ísis, Dioniso e Adônis, a rosa vermelha sugere toda consumação dos desejos, eros (sic) e sacrifício, mas também do triunfo e do júbilo, em que a rosa branca, sagrada para Sofia e Shekinah, sugere iluminação, inocência e pureza espiritual. Suas dualidades de fogo e água (respectivamente) então se combinam na rosa azul-safira mística, de sabedoria superior sob a forma encarnada.

Os espinhos da rosa indicam os obstáculos para a realização, e, portanto, a rosa safira não tem espinhos, pois é naturalmente “impecável” (no sentido de ter superado todos os obstáculos). O glifo do hexagrama ilustra essa união dos opostos perfeitamente. O azul, de fato, é o preto saturnino, o eremita do misticismo arcano.

² NT: Expressão latina que significa “sob a rosa”, indicando o silêncio do segredo, a confidência, a discrição e assuntos secretos ou confidenciais.

Na alquimia, a rosa significa o segredo interior da Obra, da regeneração após a morte, por isso o seu uso e importância no “Castelo da Rosa” do clã e no Rito da Rosa Além-Túmulo – a *Unio Mystica*. Nesse sentido, a rosa se torna o símbolo do paraíso e da ressurreição. Vermelho é a cor solar dos antepassados, da linhagem e do conhecimento fenomenal; o branco indica a Lua mercurial e a filosofia divina.

O número de pétalas de cada rosa fornece uma narrativa visual pertinente:

- quatro pétalas equivalem ao cosmos quaternário (melhor exemplificado na cruz teutônica de Adocentyn³) e aos pontos cardeais da “bússola”;
- cinco pétalas equivalem ao microcosmos (melhor exemplificado na forma pentagramática do homem vitruviano) e à “Roda da Vida”;
- seis pétalas equivalentes ao macrocosmos (melhor exemplificado no hexagrama);
- sete pétalas representam as forças arcaicas ou “ventos”, a semana setenária, os planetas e os planos de perfeição;
- oito pétalas significam a gratificação sensual do Paraíso; o mistério do “Sete mais Um”.

*Pelo poder da magia, de Vênus,
Naquela mesma hora,
Um milagre aconteceu,
A Rosa se tornou uma donzela
De forma e beleza jamais comparadas,
Vestida com seu próprio cabelo dourado.*

Abelhas atraídas pelo aroma da rosa voam sobre sua exalação aromática, semelhante ao buscador, atraído pelo fascínio da Sabedoria. A rosa é a donzela (a alma), encerrada em seu quarto, o jardim paradisíaco de deleites carnavais e divinos.

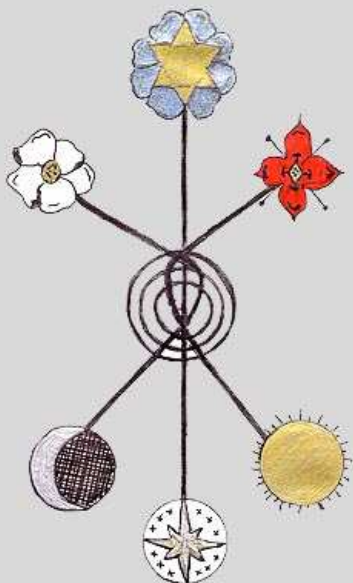
Crescendo entrelaçada na Árvore da Vida, a rosa se agarra à Fonte e é alimentada por Ela. É a roda da luz (iluminação) que ergue a cruz da vida (carnalidade e sofrimento) unida sobre o Qutub⁴, o “eixo” da Graça. Aninhado no ponto central da rosa dupla está o Sol/filho dourado, o coração da Verdade, o espírito flamejante do misticismo prometeico.



³ NT: Em árabe, Al-Asmunain. Adocentyn é uma grande cidade mágica construída por Thot, no Egito, próxima ao Nilo, mencionada no grimório medieval Picatrix, supostamente escrito por um árabe em Andalusia, na Espanha islâmica. Tem um estreito paralelo com a “mítica” Atlântida.

⁴ NT: Torre indo-islâmica, na Índia.

Como a “despertadora”, a Shekinah brota três flores, as rosas branca, safira e rubi, da trindade arcana simbolizada pela Lua, Vênus e Sol, respectivamente. Ligadas pelos três planos do ser, cada qual com suas regras, certas aplicações ocultas se tornam aparentes àqueles cujos olhos já têm sido banhados pelo orvalho róseo.



Os terços de oração têm sido usados por milhares de anos como auxílio na contemplação do divino. Formados a partir dos frutos da roseira-brava, enfileirados em um fio circular, eles finalmente se tornaram conhecidos como “rosários”; isto é, a ação da prece repetidamente em torno do rosário, o jardim da recordação, ou a senciência que habita no coração.

Durante o período medieval, os persas especialmente viram a rosa como um símbolo da realização espiritual e do desejo transcendente. No islã, acredita-se representar as lágrimas e o suor do profeta Maomé. Rumi, o poeta e místico sufi do século XIII, escreveu muitas odes à “amada eterna”, muitas das quais valorizavam a virtude da rosa. Para ele, a rosa era uma “delicadeza sábia”, uma manifestação da feliz Fanaa⁵ (uma experiência de aniquilação do eu enquanto ainda se está vivo). Ele escreveu:

Como uma rosa, eu fico sorrindo com todo o meu corpo, e não somente com a minha boca, porque estou – sem mim mesmo – sozinho com o Rei do Mundo.

Shani Oates é escritora, ocultista, pesquisadora e atual líder do *Clan of Tubal Cain*.
clanoftubalcain.org.uk

S



⁵

NT: Termo usado no sufismo para designar a dissolução do ego no indivíduo ainda encarnado.

ULISSES E SINBAD NÃO SABIAM DESSA...

Um pouco sobre os ciclopes

Carlos Raposo



Há muito, contava-se que os ciclopes eram seres alegres e felizes. Naquela época, eles possuíam os dois olhos, como todos os outros seres da região em que viviam. Movidos por sua natureza investigativa, dizem, os ciclopes saíram em sua busca do conhecimento e da sabedoria maior. Assim, durante a jornada repleta de acontecimentos e aventuras, após muito procurar, eles se depararam com um grande mestre, o Senhor dos Mundos Obscuros.

Os ciclopes, então, contaram ao mestre os seus anseios e perguntaram-lhe se poderia, de alguma forma, ajudá-los. O mestre, agindo de acordo com sua sinistra natureza, declarou possuir tal saber, o conhecimento dos conhecimentos, o maior dos segredos entre todos os segredos. “E este segredo será de vós. Tudo, porém, tem um preço!”, disse com majestade o temível Grande Senhor dos Mundos Obscuros.

Entusiasmados diante da real possibilidade de conseguir o tão almejado segredo, os ciclopes se declararam dispostos a pagar o preço necessário, fosse qual fosse seu valor, para finalmente ter a posse do cobiçado conhecimento; nenhum esforço seria medido por eles para pagar o preço devido.

O Senhor dos Mundos Obscuros, então, propôs trocar o grande segredo por um olho dos ciclopes. A barganha foi feita e o logro obtido. Os ciclopes, assim, com um só olho, e de posse do Supremo Conhecimento, em breve retornariam da longa jornada, à região de origem deles. Os outros habitantes daquela região logo notaram o diferente aspecto dos gigantes. Porém o que mais se fazia perceber naquelas colossais criaturas não eram os novos e estranhos traços das suas faces, mas sim a terrível mudança no estado de espírito deles. Onde antes estavam a alegria e a felicidade, agora habitam a tristeza e a sisudez.

Os demais moradores da região dos ciclopes, acostumados com a habitual cortesia daqueles soberbos seres, não entendiam os motivos da drástica mudança de atitude. “O que terá acontecido a eles?”, perguntavam atônitos entre si. Até que um dos gigantes disse como fora a jornada em busca do

conhecimento. Contou a respeito do anseio de sua raça pelo saber e pelo Sumo Conhecimento. Falou como eles decidiram partir na demanda de suas altas aspirações e também como ocorreu o fatídico encontro com o grande mestre. Narrou como se sucedeu a barganha que lhes fora proposto pelo terrível Mestre dos Mundos Abissais e, finalmente, sobre o tão desejado Saber, o Conhecimento que afinal lhes fora entregue: “o maior dos segredos, entre todos os segredos”, disse de forma tristonha e melancólica o imenso ciclope.

Foi quando alguém, dentre aqueles que escutavam o gigante, perguntou: “mas porque agora, ó colossal criatura, andais triste como o crepúsculo, porque agora os dias e as noites não têm mais importância para ti e por qual motivo a própria vida já não exerce encanto sobre todos da tua nobre raça, e justamente agora que vós tendes tão precioso saber?” Ao que respondeu o ciclope que o Saber que lhes fora conferido, era muito especial, mas também deveras cruel; o maior dos segredos, entre todos os segredos; tão terrível quanto o seu Guardião, o Mestre dos Mundos Obscuros. Esse era o Único Saber, e esse consistia apenas do conhecimento preciso e completo de como e quando ocorreria a própria morte. A nobre raça dos ciclopes agora estava condenada a nascer já perfeitamente ciente de como e quando se daria a própria morte.

Dessa feita, nada mais importava para aquelas grandes criaturas da região. Nada mais tinha importância. Por isso a tristeza e a melancolia agora seriam suas únicas e eternas companheiras. O fardo era demais. E se fosse permitido a eles apenas mais um desejo, todos, sem exceção, escolheriam algo muito simples: ignorância...

Carlos Raposo é historiador, pesquisador e maçom.
carlosraposo.wordpress.com

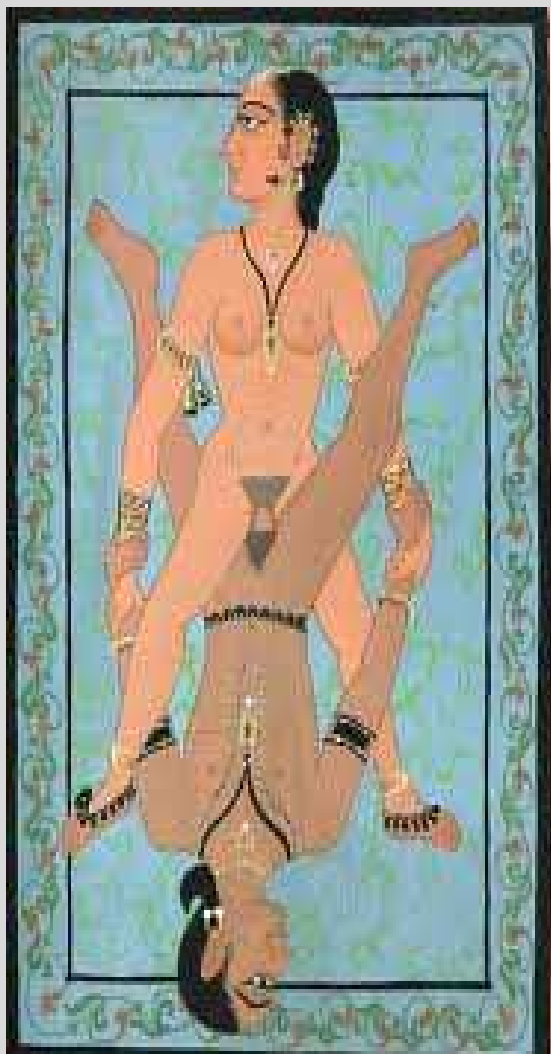
S



SEXO SAGRADO, SIM. SURUBA, NÃO

Hieros Gamos e magia sexual

Marcelo Del Debbio



Vamos falar de algo que certamente vai interessar a todo mundo (ou quase): sexo!

Na Antiguidade, entre os estudiosos, sacerdotes e iniciados, o sexo era considerado algo sagrado e uma maneira de se reconectar com o Eu divino que habita cada um, como uma das formas mais bonitas de *religare*, e sempre esteve associado a muitas comemorações e rituais de fertilidade. O reino do sexo mágico é o domínio e o poder do feminino.

Antes de começar, quero deixar claro que sempre existiu o sexo “vulgar” ou profano, que a maioria das pessoas conhece e pratica normalmente.

O sexo sagrado envolve todo um ritual de entrelaçamento das energias entre os fortes chacras masculinos e femininos durante o ato sexual entre dois iniciados. Durante essa relação, o casal canaliza e amplia suas energias através de seus chacras, desde o Muladhara, na penetração, despertando a Kundalini (serpente sagrada), florescendo por entre os nadis dos amantes até o Sahashara, gerando um fluxo gigantesco das energias telúricas e projetando-as para o universo, ou utilizando essas sobras de energia para a realização de determinados rituais.

Por meio do sexo sagrado, o corpo da mulher se torna um templo a ser venerado, e o enlace entre o sacerdote (que assume o papel de um deus) e a sacerdotisa (que assume o papel de uma deusa) adquire uma conotação ritualística capaz de despertar grandes energias e até fazer com que eles cheguem à iluminação (e a orgasmos muito mais fortes!).

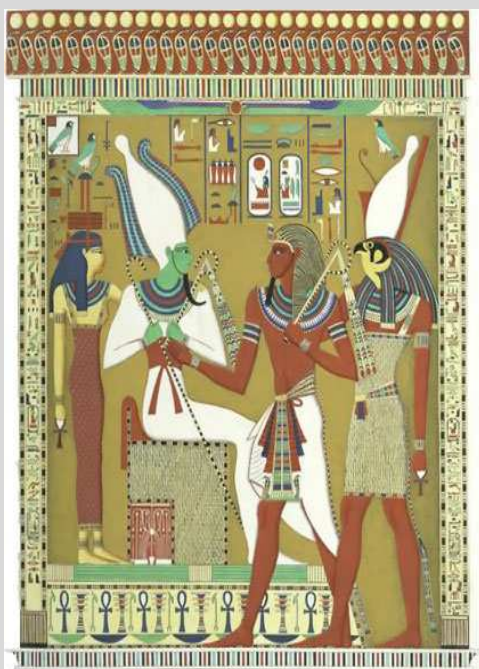
Os rituais sexuais existem desde os primórdios da humanidade e estiveram presentes em todas as grandes culturas. As primeiras referências a eles, e também a mais famosa, é o Hieros Gamos, ou “Casamento Sagrado”, e esse ritual era realizado na Suméria, 5500 anos atrás. Nele, a alta sacerdotisa assumia o papel do avatar da grande deusa Inanna e fazia sexo com o rei ou imperador, que assumia o papel do deus Dumuzi, para mostrar sua aceitação pela deusa como governante justo daquela região. O símbolo dessa união era um chifre, também chamado de cornucópia (uma referência clara à vagina da Grande Deusa em sua abertura e ao falo do grande deus em seu chifre), do qual brotavam frutas, verduras e toda a fartura dos campos. Era uma associação óbvia entre os rituais sexuais de fertilidade e as colheitas que se originavam das plantações energizadas por tais rituais. O símbolo da cornucópia foi eternizado na mitologia grega por meio dos ritos dionisiacos com sua forte presença no Olimpo, e mantém-se até os dias de hoje como símbolo de fartura.

No Egito, existiam primariamente três classes de sacerdotes iniciados. O Culto ao Templo Solar, cujo templo principal ficava em Hélios, baseado nos mistérios de Osíris e de sua morte e ressurreição, da conspiração de Set, da vingança de Hórus e seu triunfo. Esse culto lidava essencialmente com energias masculinas em seus rituais, baseado na força e simbolismo do Sol, movimentando os aspectos de Yang (positivos, fortes, racionais, diretos). Dessa ordem surgiam os comandantes dos exércitos do Templo e, posteriormente, os cavaleiros templários e a maçonaria, descendente direta dos templários. Essa é a razão pela qual apenas os homens são iniciados na maçonaria. Não se trata de um “Clube do Bolinha” ou de algum preconceito com as mulheres, como muitos detratores alegam, mas, essencialmente, os rituais maçônicos são de energia Yang e a presença de uma mulher no templo, em uma loja solar, apenas atrapalharia toda a egrégora. E quando as cerimônias são públicas, os rituais são, obviamente, diferentes.



Além dessa ordem, existia a Ordem dos Mistérios de Ísis, voltada apenas para as mulheres. Essa ordem lidava com a energia lunar, com o Yin, com a intuição, com a sedução, com as emoções sutis que pertencem ao campo do feminino. Da mesma forma, era proibida a presença de homens em uma loja de Ísis. Ísis recebeu vários nomes em seus cultos: Islene, Ceres, Rhea, Vênus, Vesta, Cybele, Niobe, Melissa, Nehalennia (no norte), Isi (com os

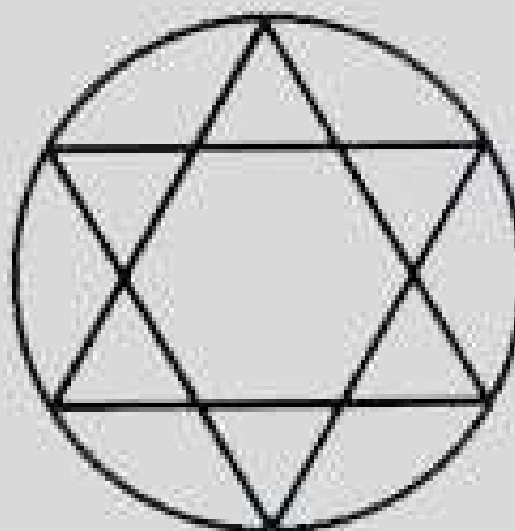
hindus), Puzza (entre os chineses) e Ceridwen (entre os antigos bretões).



O terceiro tipo de ordens eram as de Ísis e Osíris, ou as ordens mistas. Essas eram ordens espirituais, preocupadas com o estudo das ciências e dos fenômenos naturais. Pode-se dizer que foram as primeiras ordens de cientistas do planeta, estudando ao mesmo tempo fenômenos físicos, matemáticos e espirituais. Dessas ordens, grandes iniciados como o faraó Tuthmosis III, Nefertiti, Akhenaton (Amenhotep IV) e Moshed (ou Moisés, para os íntimos) estabeleceram as bases de praticamente todas as escolas iniciáticas que surgiram, inclusive todos os ramos das ordens rosacruz.

Cada templo era formado por até 13 membros (do sexo masculino/solar, feminino/lunar ou misto, com qualquer número de homens e mulheres, dependendo da ordem). Quando havia mais iniciações, essas lojas eram divididas em mais grupos contendo 5, 7 ou 11 estudiosos. Era comum que membros da Ordem do Sol ou da Lua participassem nessas ordens mistas, assim como até hoje é comum maçons ou wiccans participarem das ordens rosacruicianas. Treze pessoas eram um grupo considerado ideal, pois constituía um “círculo completo”, cada um dos iniciados representando um dos signos do zodíaco ao redor do grande sacerdote. Isso será válido para outras culturas, como a celta, romana, bretã e, até mesmo, a africana.

Um quarto grupo era formado por sacerdotes especialmente escolhidos do Templo do Sol e do Templo da Lua, para as festividades das Cheias do Nilo, Morte e Ressurreição de Osíris, Início do Ano e várias outras celebrações importantes. Essas celebrações eram o Hieros Gamos, o sexo ritualístico entre casais. Tais rituais poderiam ser realizados em um templo ou, em alguns casos, dentro de pirâmides, que estavam ajustadas para as frequências que eles desejavam ampliar para o restante da população (ou do planeta). Mais tarde, o mesmo princípio seria usado nos festivais celtas.



As sacerdotisas assumiam a representação da deusa Meret, a deusa das danças e das festividades, e os sacerdotes assumiam a representação de Hapi, deus da fecundidade e das cheias do Nilo. É importante ressaltar que nesses rituais cada sacerdote “transava” apenas com a sua parceira. Era comum o uso de máscaras (com cabeças de animais representando os aspectos relacionados ao ritual/deus que estava sendo realizado), o que mais tarde daria origem ao baile de máscaras (que secretamente abrigavam o Hieros Gamos) e posteriormente os bailes de carnaval. Após as festividades, havia dança, celebrações e sexo não ritualístico. As sacerdotisas eram chamadas de Meretrizes, nome que mais tarde foi deturpado pela Igreja Católica.

Do lado complementar das Meretrizes estavam as Virgens Vestais, que eram virgens que trabalhavam um tipo diferente de energia e eram consideradas as Protetoras do Fogo Sagrado. Elas existem desde o Egito, mas ficaram mesmo conhecidas no período grego e romano. Paralelamente aos ritos egípcios, existiam rituais sexuais ligeiramente diferentes na Índia, baseados nos mesmos princípios de união dos chacras para despertar a Kundalini.



A palavra *tantra* vem do védico e pode significar “teia” ou “libertação da escuridão”, ou ainda “aquilo que amplia o conhecimento”. Não vou dar detalhes sobre a origem do tantra, porque me estenderia por muitas páginas. Basicamente, o tantra possui uma filosofia de amor. Amor ao semelhante, à natureza, à vida, ao sexo, ao despertar. O ato sexual mágico dentro do tantra é apenas uma das manifestações dessa filosofia maravilhosa (o tantra é uma maneira de se viver, que

inclui vegetarianismo, cultivo ao corpo, mente e espírito, respeito pelas coisas vivas, paz, harmonia com o cósmico, devoção ao feminino, ao estudo da poesia, música etc.). O grande problema disso para as “otoridades” é que um homem tântrico está mais preocupado em tratar bem sua amante, apreciar um bom vinho, do que pegar em armas e ir até um país distante chacinar seus inimigos para que as “otoridades” adquiram mais poder... Para isso, precisam de soldados cruéis, sem compaixão e sem sentimentos (“certo, seu zero-dois?”). Então, quando os arianos tomaram a Índia, lá por volta de 2000 a.C., eles tornaram essa religião proibida (de onde veio o significado de “libertação da escuridão”, pois o movimento acabou caindo na escuridão/clandestinidade).

Durante o ato sexual, o homem assume o papel de Shiva e a mulher, de Shakti¹. O papel da mulher é sempre o de uma deusa a ser venerada, e existe todo um ritual antes do sexo: ela depila todo o corpo (pode ser feito no dia anterior), prepara um banho com ervas e perfumes e se arruma ritualisticamente; o homem prepara os incensos, a música e o ambiente. Uma relação de Maithuna demora, no mínimo, quatro horas, mas há relatos de rituais que chegam a demorar 21 dias (já não se fazem mais iniciados como na Antiguidade...). O Maithuna é programado segundo o ciclo dos signos e as fases da Lua. Na Lua cheia, Shakti tem mais potência sexual e na Lua crescente, Shiva está mais viril. Na Lua nova, ambos estão relativamente sexuais, e na



minguante a energia pode não estar muito propícia. A preocupação com os exercícios para desenvolver os chacras, as vestimentas (nada sintético ou que bloqueie os chacras), a alimentação (nem pense em fazer Maithuna com um bicho morto no seu estômago!), a meditação e concentração, os incensos etc., tudo é importante nesse tipo de ritual. Ao contrário da ritualística egípcia, que era extremamente rígida em relação à escolha dos parceiros, as festas tântricas eram basicamente hedonistas. Hoje, muito do conceito de tais festas foi distorcido e estragado (com direito de, até mesmo, as pessoas que contratam garotas de programa montar casais falsos e participar de putarias).

NE: No Ocidente, e atualmente, o Caminho da Mão Esquerda é mais abrangente do que o tantra indiano e **não** é caracterizado pelo sexo com estranhos, nem pela promiscuidade, nem pelo mero hedonismo, sendo isso opções de cada indivíduo, dentro ou fora de qualquer Caminho. O sexo com estranhos é algo muito comum e corrente no mundo profano, **não** sendo, portanto, a “marca” da Via Esquerda. Esse Caminho Esquerdo engloba muitos conceitos profundos e técnicas com ou sem práticas sexuais, mas com a presença essencial do feminino, de algum modo. A Via Esquerda é uma filosofia oculta predominantemente “sombria”, com suas práticas, conceitos, arte e um modo de viver e ver o mundo diferente das massas, não sendo um caminho indicado para qualquer pessoa.

¹ NE: Outros nomes equivalentes a “Shakti” usados na Via Esquerda são: Sekht, Sekhmet, Shekinah, Sophia, Sapientia.



O culto a Ísis e Osíris migrou do Antigo Egito para a Grécia, onde Toth tornou-se Hermes e os Mistérios de Osíris tornaram-se o culto a Dioniso (Dyonisus).

Antes de tudo, quem era Dioniso? Nascido de Zeus e Perséfone, Dioniso atraiu a fúria de Hera, que enviou os titãs para matá-lo. Zeus o protegeu, enviando raios e trovões para despedaçar os titãs, mas quando conseguiu derrotá-los, sobrou apenas o coração de Dioniso. Zeus colocou seu coração no ventre de Semele, uma de suas sacerdotisas, que se tornou sua segunda mãe. Portanto, Dioniso era conhecido como o “nascido duas vezes”. Curioso, não?

Novamente, temos o culto à morte e ressurreição de Osíris na iniciação e os rituais

que demonstravam claramente a vida após a morte. Interessante notar que Semele era uma sacerdotisa do culto a Zeus, e, portanto, uma virgem vestal. Vocês perceberão que, ao longo da história, muitos iniciados nasceram de “virgens” (cujo termo possuía o significado real de “espiritualmente pura”). A título de curiosidade, Hórus, Rá, Zoroastro, Krishna, Platão, Apolônio, Pitágoras, Esculápio e aquele outro cara famoso na Bíblia também nasceram de “virgens”.

Os cultos de Dioniso também eram conhecidos pelo nome de Culto ao Deus Baco (Bacchus), e suas sacerdotisas, iniciadas nos cultos lunares, eram conhecidas como mênades ou bacantes. O poeta Homero escreveu que elas “iam para as montanhas e realizavam estranhos rituais”. O culto começou na Grécia, mas sua popularidade cresceu a ponto de se tornar conhecida em Roma a partir de 200 a.C. Registros famosos desses rituais de *bacchanalia* foram escritos por uma sacerdotisa e poetisa chamada Sappho, cujo templo de Mytilene ficava na Ilha de Lesbos, por volta de 600 a.C. Esses textos retratavam alguns dos rituais envolvendo sexo mágico entre as iniciadas, e havia uma série de poemas narrando o amor entre mulheres. Da perseguição religiosa, surgiram as palavras “safada” (no sentido depreciativo para a mulher) e “lésbica”. Os cultos solares eram mais populares em cidades como Esparta, cujos exércitos voltados para o aperfeiçoamento do corpo e da mente usavam os

treinamentos físicos desenvolvidos pelos Guardiões do Templo, incluindo muitos ritos de iniciação (especialmente um dos mais importantes, que é mostrado no filme/HQ *300 de Esparta*, em que Leônidas, quando jovem, precisa enfrentar um período no deserto/montanha e matar um lobo com as próprias mãos, trazendo sua pele para comprovar o feito de coragem).

Nos cultos de Dioniso, o Hieros Gamos também assumia a forma de relações sexuais entre os deuses, para a realização de diversas comemorações ou rituais. Vamos ao “panteão olímpico”: Zeus, Hera, Posêidon, Afrodite, Ares, Atenas, Hermes, Hefesto, Apolo, Ártemis, Demeter e Héstia. Exatamente seis homens e seis mulheres. Completando com Dioniso como sacerdote, estava preparado o círculo completo para o Hieros Gamos (como curiosidade, cada um desses deuses estava relacionado a um signo do zodíaco, mas se quiserem saber,



vão fazer a lição de casa, eu não vou falar quem é o que). Também relacionando com as Linhas de Ley, o Monte Olimpo fica “coincidentemente” em um desses cruzamentos energéticos do planeta. As reuniões desses grupos recebiam o nome de Orgion (palavra em grego que significa “ritual secreto”) e eram presididas pelo Orgiofante. Da latinização surgiu a palavra “orgia”, e nem preciso dizer o que aconteceu com o significado dessa palavra.

No ano de 180 a.C., o senado editou o *Senatus consultum de bacchanalibus*, estabelecendo regras claras para a realização dessas festividades e ritos. Desnecessário dizer que os cultos secretos continuaram, porém caíram na clandestinidade dentro das ordens secretas. Os Hieros Gamos continuaram ocorrendo, com a latinização dos deuses envolvidos. As principais festas aconteciam nos solstícios e equinócios, especialmente o Sol Invictus.

O culto solar ganhou muita força em Roma, através do culto a Mithra, o Deus-Sol, El Gabal, Sol Invictus. O exército romano usava todos os símbolos do templo solar, inclusive a famosa “Saudação a Mithra”, que mais tarde foi usada pelos exércitos de Hitler, um dos maiores ocultistas do século XX, como a saudação tradicional nazista, e também usada por Francis Bellamy, para a saudação à bandeira americana (que foi substituída em 1942).



Além dos cultos solares e lunares, existiam também as Vestais (*sacerdos vestalis*) que eram as sacerdotisas da deusa Vesta, encarregadas de manter aceso o Fogo Sagrado de Vesta. Esse fogo era o santuário mais importante de cada cidade romana, e deixar uma chama dessas apagar era passível de pena de morte. Caso uma chama se apagasse, os sacerdotes precisavam acender uma tocha em um templo vestal em uma cidade próxima e trazer o fogo sagrado até o altar. Se você pensou em “tocha olímpica”, acertou... É a origem da tocha. Agora, algo que você não sabia: a origem sagrada desse fogo remonta ao fogo que Prometeu roubou dos deuses e que lhe custou o castigo eterno.



Outra das coisas que provavelmente você não saiba é que Prometeu é citado pelo poeta Ascilus e Hesíodo como o “Portador da Luz”, cujo nome em grego é Phosphoros. Talvez você não reconheça o nome dele em grego, mas em latim eu tenho certeza que você conhece: Lúcifer, a “Estrela da Manhã, o “Portador da Luz”. Surpreso? Bem, vocês aprenderam que aquele bando de esportistas carregando aquelas tochas na olimpíada e toda aquela festa serve para manter viva a chama de Lúcifer.

Vestais tinham de ser virgens, pois a energia e os chacras delas vibram e podem ser trabalhados de maneira diferente. Os ocultistas chamam isso de *Chastitas*, de onde vem a palavra “castidade”. Na rosacruz, chamam essas meninas de Columbas, e elas são responsáveis por algumas das partes mais bonitas da ritualística. A *Chastitas* não precisa envolver a falta de amor. Aliás, ele desenvolve nas sacerdotisas/sacerdotes que escolhem esse caminho a virtude do ágape, ou amor pela humanidade. O iniciado Platão foi um dos que mais estudaram esse tipo de ritualística, do qual se originou o termo “amor platônico”. Sócrates estudou esse processo e desenvolveu o *Chastitas Pederastia*, que é uma relação de amor casto entre um jovem e um adulto do mesmo sexo (normalmente um guerreiro mais velho e o aprendiz de soldado, especialmente nos exércitos gregos). Mas esse “amor” a que ele estava se referindo não era o amor homoerótico (o que inclui sexo), mas sim o amor fraternal de um Mestre de Guilda para com o Aprendiz. Para tentar traçar um paralelo, pode-se pensar na relação entre Batman/Robin, o Sr. Miagui/Daniel-san e Jedi/Padawan. A Igreja deturpou a palavra “pederasta” como sinônimo pejorativo para “homossexual”. Disso, seguem aquelas lendas absurdas de que os soldados gregos eram *gays*. Também foi uma das acusações mentirosas que a Inquisição usou contra os templários, já que essa tradição da *pederastia* se estendeu para o conceito de cavaleiro/escudeiro ou mestre/aprendiz.

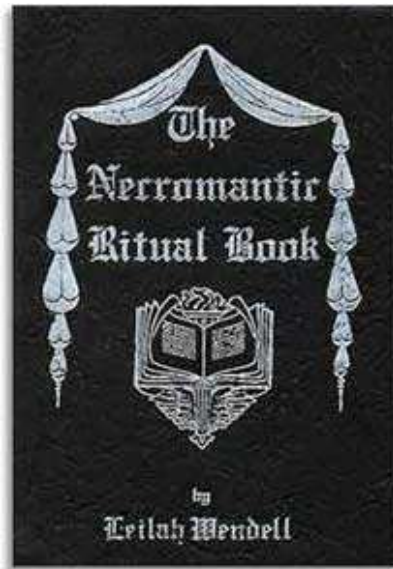
A castidade funciona através de uma alquimia diferente, transformando o que seria o desejo carnal e sexual em uma energia espiritual por meio do desenvolvimento dos chacras superiores e do controle dos chakras inferiores. Exemplos desse tipo de iluminação incluem os monges budistas, monges shaolins, os padres da Igreja, algumas santas e outros eremitas da literatura religiosa e ocultista. A Igreja Católica tentou copiar esses preceitos de monges nos padres, mas se esqueceu de avisá-los que isso precisa ser treinado. O resultado disso são pessoas que “fazem votos de castidade”, mas não sabem exatamente o que estão fazendo e não acreditam em chacras. E com isso ficam todos complexados e cheios de necessidades carnis, naturais de todos os homens. E essa é a origem dos coroinhas. (bem, essa dos coroinhas foi brincadeira...).

Marcelo Del Debbio é escritor, editor, pesquisador de sociedades iniciáticas e de ocultismo.
deldebbio.com.br



COISAS DE DANADOS

Livro novo é aquele que você ainda não leu.
Anônimo (você conhece?)

**THE NECROMANTIC RITUAL BOOK****Leilah Wendell**

Westgate Press

Obra sobre magia necromântica escrita por uma especialista no assunto. O trabalho aqui difere muito da necromancia espírita (antiga e moderna), pois os ritos necromânticos não visam contatar espíritos de pessoas mortas sob nenhuma circunstância. O livro apresenta práticas solitárias para que o magista possa “alinhar” sua alma com a energia da Morte, ou a energia da Transição, personificada pelo Anjo da Morte conhecido como Azrael. Compartilhando a consciência individual com Azrael, o indivíduo se torna uno com a própria força da vida/morte ainda em corpo físico. Os rituais e meditações também não têm por finalidade cultivar a

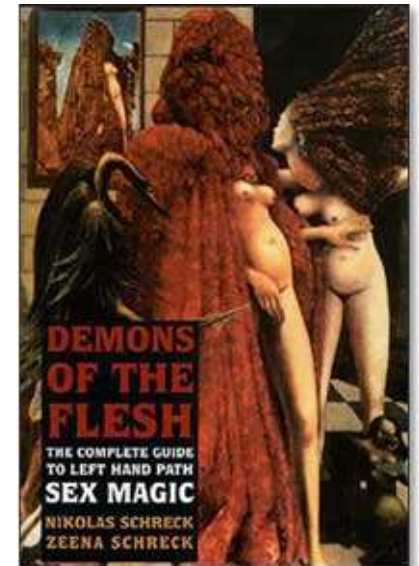
Morte, mas sim expandir a consciência para uma compreensão maior do propósito da Morte e para trazer conforto aqui, agora e no momento da Transição.

Se todo o imaginário macabro, tétrico, sombrio e etéreo lhe atrai, então isto é para você. Não há edição em português, descente e bem traduzida, no mercado.

DEMONS OF THE FLESH**Nikolas & Zeena Schreck**

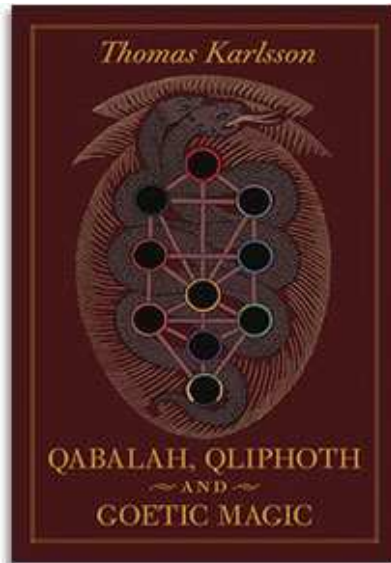
Creation Books

A obra, profunda e abrangente, aborda a magia sexual em seus múltiplos aspectos, enfatizando o lado “sinistro” de tal prática que visa à libertação psicológica e espiritual por meio do corpo. Os autores mostram os meandros históricos e filosóficos da Esquerda e da magia sexual, tanto no Oriente como no Ocidente, passando pelo tantra hindu, gnosticismo, ocultismo moderno, satanismo, cultos vampíricos etc. O livro expõe contextualmente as mais diversas práticas sexuais e mágico-sexuais, sejam elas extremas ou não, ao longo do tempo e em diversas partes do mundo, como Egito, Tibete, China, Mesopotâmia, Europa. Tabus sexuais modernos aqui também são quebrados e conceitos são desmistificados, retomando seus significados originais. Trata-se de uma das obras essenciais para entender a influência e o poder no sexo nas religiões, na filosofia, no ocultismo e, principalmente, no Caminho da Mão Esquerda.



Livro proibido para menores. Não indicado também para pessoas com distúrbios psicológicos, desequilíbrios sexuais, fraqueza mental, vontade fraca, tendências fundamentalistas, tabus socioreligiosos e resistência a novos conhecimentos (para quem tais conhecimentos são novos). Mas você é quem sabe...

Ainda não há uma edição em português, descente e bem traduzida, no mercado.



QABALAH, QLIPHOTH AND GOETIC MAGIC

Thomas Karlsson

Ajna

Um dos poucos e mais importantes livros sobre o outro lado da Cabala e da Magia, o lado evitado e considerado tabu pela maioria dos filósofos do ocultismo e magistas “tradicionais”. A obra, teórica e prática, enfatiza o lado escuro da Árvore cabalística, abordando suas esferas qliphóticas (as esferas do outro lado da Árvore da Vida) cujas correspondências também estão no ser humano, em seu reprimido, oculto e sombrio subconsciente. Mostra um panorama histórico da Cabala e de seu aspecto renegado pelos cabalistas, aborda a questão do mal sob o ponto de vista

filosófico-oculto, fala sobre a iniciação qliphótica e fornece invocações. O autor contextualiza a magia do *Grimorium Verum* e a tradicional magia goética, porém esta sendo simplificada em práticas invocatório-meditativas em vez da complexidade e prolixidade original da *Goécia*. O livro fornece os sigilos e atribuições dos “espíritos” do *Grimorium Verum*, dos espíritos goéticos e dos 22 túneis qliphóticos da Árvore cabalística do Conhecimento, entre outras ilustrações interessantes, incluindo a arte de Zeena.

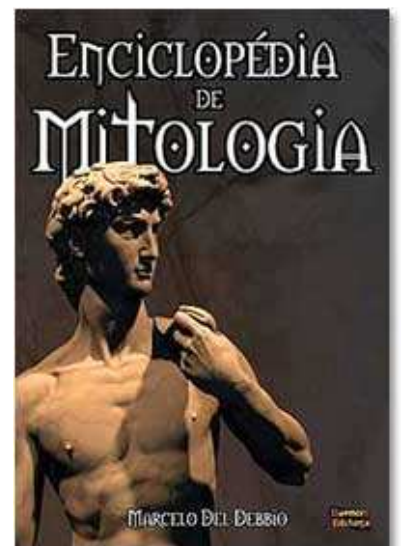
Se você é um magista ou um filósofo ocultista sério e livre de tabus e preconceitos sobre o tema, ou só um sincero interessado de mente aberta, esta obra será de grande valor.

ENCICLOPÉDIA DE MITOLOGIA

Marcelo Del Debbio

Daemon

Ricamente ilustrada (994 ilustrações) e com 7200 verbetes, a *Enciclopédia de mitologia* disponibiliza um vasto panteão oriundo de muitas e diversas mitologias e religiões do mundo, com deuses, anjos, heróis, vilões, monstros, santos e, claro, “demônios”. Além disso, há também verbetes sobre locais sagrados e misteriosos, objetos, personagens literários pertinentes, práticas ocultistas, cultos primitivos e palavras mágicas. O texto para os verbetes varia de apenas uma linha a vários parágrafos e está em linguagem simples e inteligível. A obra é útil como fonte de conhecimento a todos, sem distinção, incluindo iniciantes e iniciados também no Caminho da Mão Esquerda. Serve ainda como objeto cultural digno de apreciação e como entretenimento valioso para instruir as crianças “danadas” no rico e estimulante universo mitológico.



Seja você “santo” ou “pecador”, este livro não irá lhe converter em qualquer coisa que você não queira, mas certamente ampliará seus conhecimentos sobre ambos os lados dos panteões, sem dogmatismos.



TUBELO'S GREEN FIRE

Shani Oates

Mandrake of Oxford

Obra relativamente acadêmica sobre luciferianismo segundo a ótica do Clan of Tubal Cain (Clã de Tubal Cain), um grupo iniciático de bruxaria fundado por Robert Cochrane, na Inglaterra, e atualmente dirigido pela autora. O livro aborda os Mistérios do Sagrado Feminino, Mistérios Sombrios da Alma, Mistérios da Morte, Gnose, Alquimia, Mitologia, a Caçada Selvagem, e enfatiza o trabalho com deuses “banidos”, como Lúcifer, Tubal Cain, Hécate, Inanna etc. Passando por áreas como história, geografia, antropologia, filosofia e literatura, entre outras, a obra é estimulante e de grande proveito ao leitor de mente

aberta, ao praticante de bruxaria e a todo interessado nos Mistérios.

Se você é iniciante nos temas abordados, este livro ainda não é para você. Entretanto, se quer arriscar sem antes estudar mais, mesmo assim a obra é recomendável.

Não há edição em português, descente e bem traduzida, no mercado. E, talvez, nunca haverá...

THE WAY OF THE SERPENT

Vários

Magan Publications

A obra é uma coletânea de ocultismo e magia publicada na Polônia, com a participação de diversos escritores, poetas e artistas atuantes na magia, na filosofia draconiana e no LHP. Colaboram com material muito interessante: a artista, escritora, editora e ocultista Asenath Mason; o escritor e ilustrador Adriano Camargo Monteiro (com textos e ilustrações); o escritor, músico e ocultista Frater Eremor; a poetisa, musicista sombria e ocultista La Sorcière Noir; entre outros. A obra apresenta ensaios, artigos, poemas, rituais e arte que visam explorar a filosofia draconiana/ofidiana, a prática da Via Noturna, assim como o simbolismo e a mitologia dos deuses “sombrios”, negados e evitados por aqueles que não compreendem o significado e a beleza desse Caminho rico, abrangente, intrigante e gratificante.



Seja para o iniciante ou iniciado, a obra será de grande valor e irá proporcionar vislumbres do “Caminho da Serpente”.

Não espere que o livro seja publicado em português, pois isso provavelmente jamais irá acontecer...

VOCÊ TEM MEDO DO ESCURO?

Escuridão essencial

Leilah Wendell

Tradução: Adriano Camargo Monteiro

Um dos maiores medos ainda continua sendo o da Morte, a derradeira “escuridão desconhecida”. Contudo, até mesmo a Morte você pode conhecer intimamente e compreendê-la, aqui e agora. Tudo o que se tem a fazer é escutar a noite.

A mensagem do Anjo da Morte é carregada pela brisa fresca que vem de lugar nenhum. Seu sussurro exige audição. Ele permeia a nossa memória coletiva com uma Verdade que é inegável. Muitos tentam “racionalizar” seu sussurro como sendo coincidência ou loucura. Lembre-se do que é realmente a “coincidência”. Sinais sucessivos tentam desesperadamente ganhar a sua atenção. E a loucura? Bem, a loucura é nada mais do que lembrar muito e não saber como comprovar essa memória no dia a dia; a “loucura” cessa quando a compreensão e a aceitação começam.

A humanidade tem um longo caminho até que compreenda a verdadeira natureza da Morte. A Morte não é a portadora da dor; a Morte é a libertação da dor. A Morte não quer as suas lágrimas de sofrimento, nem merece a sua raiva. Você a ataca simplesmente por má compreensão, que se desenvolve em medo e aversão. O Anjo da Morte sabe que Ele é o único que verdadeiramente se lamenta.

A Morte não exige sacrifícios de inocentes. Nenhuma alma precisa acompanhar outra destinada à eternidade, como certas doutrinas acreditavam. Cada um parte em sua própria hora, e ninguém a favor de outro, a não ser que assim seja julgado. E não somos nós que fazemos tal julgamento.



Spectral Gathering. Leilah Wendell.



Collage #1. Leilah Wendell.

A Morte não é o que você vê nos noticiários. A Morte não é brutalidade, violação, assassinato, suicídio, mutilação ou outras coisas perpetradas por um ser humano contra outro; isso é a *vida*, não a Morte! Morrer é deixar a carne e tudo o que a carne recebe e emite. Morrer é algo que *todos* nós temos feito anteriormente e que a maioria fará muitas e muitas vezes. O modo pelo qual morremos não é a escolha de Azrael. É por acaso ou predeterminado (dependendo de como você vê a criação) como o modo pelo qual viemos a este mundo. Como viemos ou iremos

não importa; o que fazemos entre um e outro é o que conta.

A humanidade deve reaprender a sentir seus pensamentos e não simplesmente pensá-los. Devemos novamente agir conforme o que sentimos ser a verdade e não de acordo com o que os outros nos impõem. Em essência, devemos nos reconectar com o nosso Eu espiritual em todos os níveis da vida, e não somente por breves momentos de meditação. Então seremos capazes de sentir novamente e de lembrar quem ou o que de fato nós somos. Na luz de tal revelação, não haverá motivo para temer. Em vez disso, descobriremos o lado “escuro” de nós mesmos e iremos perceber que *isso* é o que perdemos em nossas vidas; que essa escuridão é uma parte necessária e bela de nosso Ser, sem a qual estaríamos separados para sempre de nosso verdadeiro Eu e de nosso propósito final.

Isso é a essência da dualidade; a importância do equilíbrio. A fim de crescermos juntos com essa dualidade de volta à Unidade, devemos atingir um equilíbrio equivalente conosco mesmo até o ponto em que as metades do dualismo não possam ser distinguidas uma da outra. Todos os pensamentos e emoções se tornam bem misturados de maneira inequívoca. De fato, a porção “espiritual” de nossa dualidade se torna sensivelmente humana e o lado humano, astral. Isso é algo que às vezes “nós” podemos compreender muito bem; nunca é algo fácil e sem esforço. Apesar de que – se



Rendezvous 2. Leilah Wendell.

alguma vez já esperamos, tanto pessoalmente como coletivamente – findar o ciclo de nascimento, morte e renascimento fora da carne seja algo que *devemos* aprender a fazer. E aprendemos prestando atenção aos vislumbres fugazes da memória de quem ou o que de fato somos, até que a memória se torne a única força a guiar nosso propósito.

No entanto, estar aqui e agora em forma humana, crescendo junto com sua dualidade, pode provar ser uma experiência um tanto desconcertante, um tipo de loucura que rompe com o sistema sináptico humano, colocando a mente contra a emoção e a carne contra o espírito. A expressão limitada do ego luta contra a expansão de sua natureza; o ego logo percebe que é uma “parte” muito pequena de “si mesmo” e finalmente é consumido por sua parte maior. De fato, a personalidade é absorvida na união que a dualidade, por fim, se torna.

Leilah Wendell é escritora, editora e pesquisadora especialista em Artes Necromânticas e estudos sobre a Morte e suas personificações.
westgatenecromantic.com

S



CANÇÃO DE NINAR PARA LÚCIFER DEPOIS DE...

Uma conversa uciferiana

Rafael Bittencourt

Lúcifer é o nome que dou para uma força que me faz perceber uma realidade expandida e unificadora, sem medo. É o meu cão de guarda, que me guia pelo caminho de integridade de caráter que busco e prezo muito.

Lúcifer e as artes. A influência de Lúcifer em minha vida cotidiana começou com um fascínio adolescente introduzido pelo *rock*, especialmente Raul Seixas, Iron Maiden

e Black Sabbath. Então passou a ser um pretexto para a autoafirmação. Depois de um tempo, virou mania e, em seguida, uma paranoia. Hoje sei que é pura esquizofrenia da minha parte estar sempre com ele soprando palavras em minha orelha; é uma mistura de fé, imaginação e loucura. Porém isso tudo me ajuda a aceitar quem eu sou.



Arte: Gustavo Sazes.



Arte (CD): Gustavo Sazes & Rafael Bittencourt.

De maneira geral, sobre a influência de Lúcifer em meu trabalho, as próprias artes revelam figurativamente o luciferianismo, ou seja, o pensamento livre e libertador. Para mim, a criação artística é a perfeita sintonia entre razão e intuição. A música é, em minha opinião, a coisa mais bela que o homem já inventou. A música é capaz de comunicar sem palavras e sem imagens, mas apenas com os sons: frequências organizadas. As ondas sonoras são

a energia pura trafegando pelo meio, espalhando-se pelo ar, seduzindo

peçoas. É o momento em que contemplamos nossa alma sem “pecado”, sem medo. Ela une, conduz, transforma vidas e espírito. Eu procuro conectar o meu lado selvagem com o meu lado civilizado na hora de compor ou tocar uma música. E é um êxtase indescritível entrar no transe musical em que o pensamento dança livremente, transitando pelos dois hemisférios do cérebro.

O significado de Lúcifer. A palavra “Lúcifer” habita um rol de significados subjetivos e inexatos, como as palavras “Deus”, “alma”, “espírito” e “amor”, por exemplo. Esse grupo de palavras tem significados e interpretações muito diferentes entre as pessoas. Muitas vezes, para mim, Amor, Deus, Cristo¹ e Lúcifer representam a mesma coisa.



Arte: Gustavo Sazes.

Há uma grande bola de energia que aglomera, une, suga e transforma tudo o que está no plano material e em outros planos em uma coisa só, como um gigante buraco negro que está constantemente engolindo todos os universos. É uma energia essencial para a existência da vida e está em tudo o que se manifesta aqui neste plano. Essa força une o físico e o metafísico, a ciência e a religião, e está além da

atribuição de significados, além dos medos, da moral, dos julgamentos, das classificações e das individualizações. É difícil evitar cair em arquétipos e preconceitos quando falamos disso, porque essa palavra está superestigmatizada pelos séculos de difamação, má compreensão, medo e culpa que tendemos a sentir.

Em resumo, Lúcifer é o nosso bicho interior enjaulado, implorando para sair. É um lado escondido que percebe o mundo através dos instintos e não exclusivamente pela razão. Não há como falar sobre essa experiência² sem falar de minha formação. Fui educado em colégio de freiras franciscanas e vi o amor e a doação pelos alunos, que eram muito reais, e sou muito grato.

Luciferianismo e religião. Desde criança fui disperso, criativo, “aéreo”,

¹NE: O Christos do gnosticismo primitivo. A palavra *christos* é equivalente à hebraica *messiah*, cujo valor numérico é exatamente igual à da palavra *nachash*, que quer dizer “serpente”, ou seja, a serpente da sabedoria que “unge” o indivíduo. A palavra grega *ophis*, que também quer dizer “serpente”, é um anagrama da palavra *sophi*, que significa “sabedoria”.

²NE: Com essa força/energia/entidade conhecida como Lúcifer (o “Portador da Luz”, do latim *luxfer*, a Estrela da Manhã e a Estrela Vespertina), que não tem nada a ver com o diabo dogmático das religiões.

e sempre me fascinei com o universo religioso, sem perceber a correlação que a religião tem com a imaginação. Para crer, é preciso ter fé, e essas duas palavras já foram uma só: fé e imaginação têm a mesma origem e significado nos antigos textos gregos. Mesmo na *Bíblia*, é difícil perceber em alguns momentos suas diferenças. As pessoas com facilidade para imaginar e sonhar são mais sensíveis para perceber um contexto religioso. São também mais sujeitas à autossugestão e outros fenômenos que traem a nossa percepção. Quando sentimos um fenômeno religioso, devemos nos esforçar para discernir o que é universal do que é pessoal.



Sigilo de Rafael Bittencourt.

E o luciferianismo não é uma corrente anticristã³, anticatólica⁴ ou mesmo anti-igreja⁵. Até porque, se for “antialguma-coisa”, haverá uma contradição de seu propósito unificador.

Filosofia luciferiana. Como pensamento filosófico, o luciferianismo é muito antigo e está totalmente ligado a um tipo de comportamento e de percepção da realidade. Ele não vem para destruir ideias, filosofias ou religiões; ele vem para somar. Em muitos aspectos, não é original. Outras religiões e correntes filosóficas se aproximam do que seriam ideias luciferianas, como, por exemplo, o niilismo de Nietzsche ou até alguns aspectos do budismo.

Acredito que, muito além deste plano que chamamos de material, ou “espaço-tempo”, existam outros. Nesses outros, tanto a matéria quanto o tempo vão se rarefazendo, “desmanchando-se” até os planos de energia pura. A grande diferença entre os planos energéticos e o plano material é que no plano da energia as coisas coexistem, ao passo que no espaço-tempo cada coisa tem seu lugar, seu nome, sua explicação etc. Aqui, na matéria, precisamos do tempo como um “pano de fundo”, um “chão” para que as coisas existam. Tudo tem começo e fim. Tudo tem uma origem. Nos planos das energias, também chamados de espirituais, as coisas se fundem, se unem. Não há uma explicação única para cada fenômeno. Na ausência do tempo, as energias simplesmente são.

A categorização dos eventos e coisas que percebemos é um processo o qual a lógica humana demanda para entender. Mas a percepção da realidade e da nossa própria existência, em cada instante e detalhe, está muito além do que os nossos limitados sentidos possam perceber. Basicamente, fomos apa-

³ NE: Ou antignostica. O que se conhece hoje (e há muito tempo) como cristianismo é um paulinismo, nada tendo a ver com o verdadeiro significado do Christos gnóstico ofita pré-“cristianismo”.

⁴ NE: A palavra “católico”, em seu significado grego original, quer dizer “universal”.

⁵ NE: O luciferianismo pode se organizar também em “assembleias” luciferianas, como alguns grupos.

ratados para buscar alimentos, refúgio dos predadores e para nos reproduzir. É uma extrema arrogância acharmos que a nossa atenção é capaz de captar toda a magnitude de eventos que cada fração de segundo contém. E quando mentalizo Lúcifer, percebo, à minha maneira, o que está além da realidade palpável.

Luciferianismo e sociedade. Acredito que a espécie humana esteja exatamente onde deveria estar. Nada está além da vontade divina⁶. Não há razão para recriminarmos o ponto ao qual que chegamos. Somos crianças ainda, seres “recém-acordados” para a inteligência e não devemos ser tão austeros e exigentes conosco. Criamos uma sociedade civilizada, e para isso foi preciso impor regras e leis para se conseguir ordem. Essa sociedade foi construída sobre valores e princípios morais e éticos, regidos por uma lógica instituída que nos ensina desde cedo a fazer juízo do que é certo e do que é errado. A consequência disso é que fomos, aos poucos, abandonando nossos instintos. Sofremos com nossa própria inaptidão de conciliar nossa razão com nossa percepção intuitiva. Afinal, quando deixarmos nossos instintos aflorarem sem os limites da razão, ficaremos sujeitos a um julgamento moral de nossos atos. Assim, a espécie humana nega seu lado animal em função do medo da exclusão social; para se integrar à sociedade, finge ser cem por cento civilizada.

Os pilares ideológicos do mundo ocidental são inconsistentes e contraditórios. Quando nós nascemos, encontramos um mundo em que os valores e os sistemas já estão construídos. As únicas escolhas são: adaptação ou exclusão. O único deus ao qual as pessoas servem é o dinheiro. A sociedade que se diz cristã é punitiva e seletiva. Quando um indivíduo sai de um determinado padrão de comportamento, é excluído e punido; e sem dinheiro, passa fome. Resumindo, se não dominar as regras do jogo capitalista, não tem o direito de comer, morar ou beber água limpa. Sendo assim, se valores cristãos como o perdão e a união realmente fossem praticados, não existiria pobreza nem punição para os erros.



Arte: Isabel de Amorim.

O medo de Lúcifer é o medo que temos do julgamento dos outros diante de vontades e desejos que não evitamos sentir. Isso gera conflitos internos, infelicidade e muitos comportamentos hipócritas, pois o lado selvagem clama por liberdade e é anterior ao nosso juízo; é o nosso lado natural, não construído. Sou otimista e acredito que um dia saberemos equilibrar melhor a razão e a intuição, ampliando a percepção da realidade.

Assim, não apontaremos mais os dedos uns aos outros e a moral deixará de ter sentido. Não teremos medo da exclusão, pois teremos criado uma sociedade que acolhe e aceita todos.

⁶ NE: A Vontade superior.

Canção de minar para Lúcifer. É uma canção de ninar porque procura acalmar a fera interior por meio do resgate da memória infantil. Durante a infância somos “adestrados” e obrigados a abandonar nossa natureza animal.

Na areia, perto do mar, deixei o meu coração sangrar todo o meu pesar.

Um lugar árido, e o coração sangrando representando a tristeza, o vazio; a alma incompleta.

Um abutre veio a mim, implorando:

- **Me alimente com esse pedaço de carne!**
- **Eu não darei assim algo de que eu preciso tanto!**

Um conflito interno: egoísmo x altruísmo. Até onde pode chegar a nossa doação? As leis da natureza não são lógicas, a necessidade de um pode ser o sofrimento do outro.

Num jardim-berçário eu deixei minha fantasia vagar sem lei.

A infância representa o momento em que estamos perdendo a nossa ingenuidade. Vagar sem lei é recuperar a capacidade de imaginar e sentir o mundo sem culpa.



Foto: Daniela Margotto.

Crianças brincando ao redor de uma árvore, Partilhando maçãs e felicidade.

Desconstruindo o arquétipo do fruto proibido. A infância representa a ausência de “pecado”.

Venha e descanse comigo!

Deite suas mãos em sonhos.

É se harmonizar com o seu animal interior, convidando-o a descansar e a sonhar.

Eu esperarei aqui do seu lado

Até você dormir.

Eu esperarei até você chorar

Sobre mim as lágrimas que você esconde aí dentro...

A aceitação e entrega à inevitável condição humana a qual estamos sujeitos, com nossas qualidades e supostos defeitos.

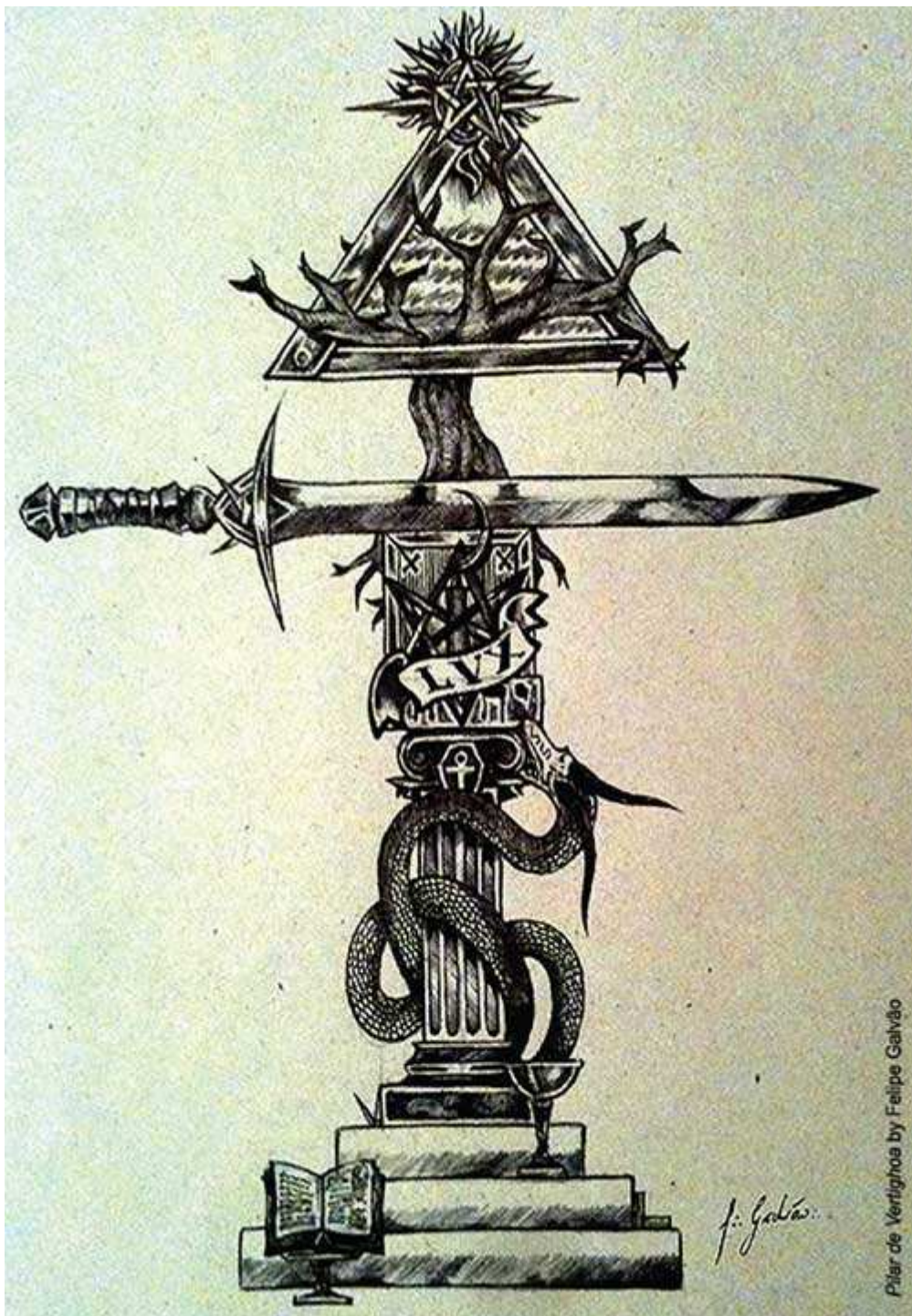
Rafael Bittencourt é músico, compositor, guitarrista, vocalista, letrista e fundador da banda Angra e do Bittencourt Project.

angra.net

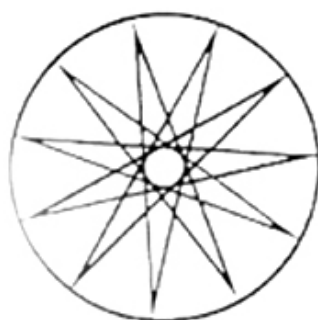
rafaelbittencourt.com/ptbr/projects

S





Pilar de Vertighoa. Felipe Galvão.



Impressa na sua impressora, se você quiser.
Ou na impressora do seu serviço.
Ou em qualquer uma.

Tetralogia Draconiana

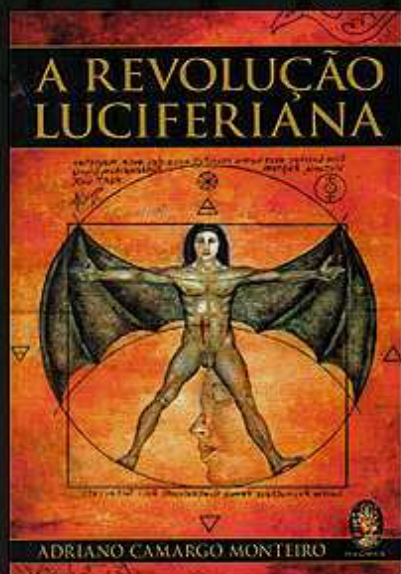
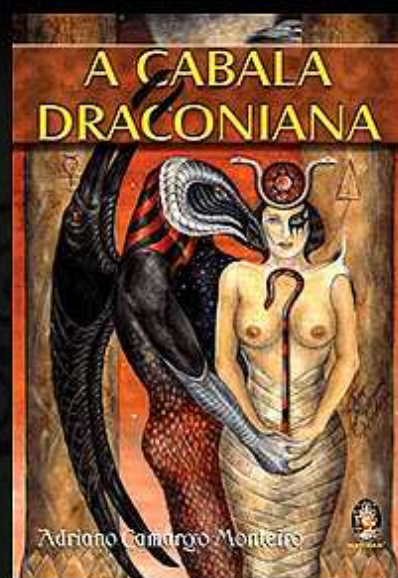
ADRIANO CAMARGO MONTEIRO



FILOSOFIA
OCULTA

MAGIA

LHP



Coleção única
do gênero
em
língua
portuguesa

**NAS
LIVRARIAS**



geocities.ws/adrianocmonteiro